



S. M. I. o Senhor D. Pedro II.
Duque de Bragança.

DOM PEDRO IV

DUQUE DE BRAGANÇA



asceu o Senhor D. Pedro IV a 12 de outubro de 1798, um dos mais memoráveis annos da revolução franceza, sendo o primogenito dos filhos varões de El-Rei o Senhor D. João VI e da Rainha a Senhora D. Carlota Joaquina de Bourbon. Quiz porém a providencia que o filho fosse a antithese da timidez paterna, e o reverso da mãe no desapego ás tão invejadas e ambicionadas regalias do poder absoluto, não se desmentindo nunca durante o rapido periodo da sua agitada existencia.

Era o Senhor D. Pedro IV ainda creança quando a familia real partiu para o Brasil, em 1807, e a luta travada entre o gigante do seculo e um pe-

queno paiz como é o nosso, achou o no seu termo ainda na puberdade, sendo para suspeitar que em mais robusta idade preferisse a uma expatriação ingloria as alternativas da guerra, tentação e deleite dos animos varonis.

Tendo o Senhor D. João VI elevado o Brazil á categoria de reino em 1816, passou o Senhor D. Pedro IV a ter o titulo de Principe Real do reino unido de Portugal, Brazil e Algarves, correndo-lhe o verdor dos annos nos ocios de uma expatriação já sem causa e sendo para acreditar que a sua clara intelligencia e a não menos notavel actividade do seu espirito já então se recreassem com os sonhos ousados de um melhor futuro para a terra que lhe déra o nascimento, e a que a prolongada ausensia da côrte ia levando a gradual abatimento.

Tanto estas supposições não são casuaes nem arriscadas, que as participações mandadas para o Brazil dos acontecimentos que tinham tido logar na cidade do Porto, em 24 de agosto de 1820, acharam logo dispcsto o animo do Principe Real para os aceitar como actos de dedicação civica, embora coarctassem as attribuições do poder hereditario e fossem ainda n'essa epocha o phantasma da realeza.

Em 1821 voltava o Senhor D. João VI á Europa, aonde já se viu o papel sempre incerto que representou, ora jurando ora perjurando a constituição, hoje ouvindo os alvitres dos representantes do povo, ámanhã lançando-se nos braços da contrarevolução, mas sem desmerecer no meio de tantas alternativas o epitheto de *Clemente*, que a historia merecidamente lhe conserva.

As idéas do seculo, a demora prolongada da côrte no Rio de Janeiro, as instigações do governo britannico, tudo finalmente contribuiu então para que os brazileiros, pondo os olhos na não afastada emancipação da America ingleza e das colonias, hespanholas, sonhassem redimir-se do jugo, embora suave, da metropole. Ao encontro d'estes desejos acudiu o Principe Real em 1822, assumindo o titulo de Imperador constitucional e perpetuo defensor do Brazil, tornando-se por este facto independente de Portugal, sendo esta separação confirmada pelo Senhor D. João VI, no anno de 1825.

Este passo dado espontaneamente pelo herdeiro da corôa portugueza, tirava todas as duvidas sobre o alcance e generosidade das idéas do Principe Real, que preferia a liberdade de um povo ao poderio que tinha a esperar como herdeiro de um throno na Europa conservando como colonia e dependencia da corôa portugueza o vasto e hoje florescente imperio do Brazil.

Rei philosopho têm os contemporaneos chamado ao Senhor D. Pedro IV, e com rasão lhe quadraria este nome na historia, se a gratidão dos portuguezes lhe não antepozesse o de *Liber-tador*, por haver briosamente defendido como general a carta constitucional com que felicitára a nação em 29 de abril de 1826, e de que a geração actual está ainda hoje saboreando os fructos.

El-Rei o Senhor D. João VI estava chegado ao termo da sua existencia. A historia olhando para o seu reinado lastima que á bondade natural do seu coração se não alliassem virtudes mais proprias de um rei, o que teria poupado a Portugal uma larga serie de lutas internas e de humilhações externas. Chegada ao Rio de Janeiro a noticia da sua morte, o Senhor D. Pedro IV abdica e cede em 2 de maio de 1826 todos os direitos que tinha á corôa de Portugal na pessoa de sua filha a Senhora D. Maria II, para governar conforme a carta constitucional que elle outorgára um mez antes aos portuguezes, e em que se attendiam e removiam as duvidas que os debates das côrtes constituintes de 1820 tinham posto em evidencia, e que o espirito illustrado do Principe agora trazia a mais seguras e rasoaveis bases. É este o principal titulo de gratidão dos portuguezes á memoria do Senhor D. Pedro IV. A carta constitucional podia e devia ser então o começo da nossa regeneração social, como effectivamente o foi mais tarde, em 1834, se odios latentes e ruins paixões se não revoltassem contra a obra immortal do Rei-soldado.

Somos chegados ao periodo das provações, e com ellas á evidencia do que era e do para quanto chegava a grande alma do Senhor D. Pedro IV.

Ambiguo até nas suas ultimas disposições testamentarias, o Senhor D. João VI nomeára por sua morte uma regencia, até que o legitimo herdeiro da corôa fizesse saber a sua vontade, como se o direito á herança fosse controverso, e as leis do reino pouco explicitas sobre o assumpto, ou como se o nosso codigo politico podesse já ser outro que não a carta constitucional.

N'esta epocha conservava-se o Senhor D. Pedro IV ainda no Rio de Janeiro, e o Senhor Infante D. Miguel viajava pela Europa na digressão forçada a que seu pae o condemnára, e d'onde só voltou para se fazer acclamar rei absoluto, em 1828, provando desde logo que nem annos menos verdes, nem as lições do passado, nem as idéas do seculo, tinham podido desvia-lo das tradições maternas, nem desprende-lo da perniciosa influencia de mal escolhidos conselheiros. Lancemos pois um véu

sobre o rapido mas lugubre periodo do reinado do Senhor D. Miguel de Bragança, em que todas as animosidades partidarias se desencadearam, e em que raros foram os portuguezes affectos aos principios illustrados consignados na carta constitucional de 1826, que do exilio não olhassem com saudades para a terra da patria, ou não suspirassem dos carceres pelo dia da redempção.

Ferido nos maiores e melhores affectos do seu magnanimo coração, vendo escrava a patria, desherdada a filha, e morta a liberdade, o Senhor D. Pedro IV só toma conselho do proprio esforço, mede em silencio o alcance do seu alto commettimento, revê-se n'elle, e resolve por fim repor no throno usurpado sua augusta filha, dando um golpe derradeiro no despotismo, e restaurando para sempre a liberdade de que é fiadora e garantia a recente carta constitucional, por elle generosamente outorgada aos portuguezes.

Empresa mais gloriosa e arriscada nunca rei a sonhou, e a realisa-la foi um prodigio de que a geração presente se ufana, e que os vindouros hão de aceitar attonitos, senão descrentes.

Separado da Europa pela vastidão dos mares, sem exercitos que o auxiliem no seu arrojado empenho, com a governação de um novo e vasto imperio a occupar-lhe as vigalias, e com as tristezas que iam por Portugal a enlutarem-lhe o espirito, o Senhor D. Pedro IV não desanima, e desapegado das grandezas terrestres, começa a sua aventureosa epopéa por abdicar em seu filho a corôa do Brazil (7 de abril de 1834) como com igual abnegação fizera á de Portugal, em 1826, em favor de sua filha a Senhora D. Maria II, nossa primeira rainha constitucional.

Como se o solo da America lhe estivesse já sendo exilio depois que o dever a si mesmo imposto o chamava á terra do seu nascimento, tres dias depois da abdicção partia o Senhor D. Pedro para a Europa, incerto do porvir, mas com a consciencia satisfeita como quem deixava no novo mundo um imperio a florescer, e vinha ao velho restaurar um reino que o despotismo avassallava. Duas dynastias constitucionaes uma já fundada, a outra ainda alvo dos seus sollicitos cuidados, eram trabalhos dignos de terem por confidentes o oceano, e não superiores ao animo esforçado do Senhor D. Pedro IV.

Subido de Imperador e Rei a primeiro defensor e subdito de sua filha, o Senhor D. Pedro IV chega á Europa, passa por Inglaterra, demora-se em França breve tempo, como que para preparar o espirito para as ousadias que hão de breve immor-

talisar o seu nome como general, e entrelaçar nas palmas cívicas já colhidas, os louros gloriosos de renhidos combates e de porfiadas batalhas.

Regente em nome de sua filha a Senhora D. Maria II, mas fiel ao código com que brindára os portugueses, o primeiro cuidado do Senhor D. Pedro IV, ao deixar as praias hospitaleiras dos dois paizes, foi dirigir aos seus compatriotas uma proclamação, datada de 30 de janeiro de 1832, em que o alcance de vistas do legislador só é igualado pelo seu desinteresse pessoal, e pelo entranhado desejo de fazer triumphar os direitos usurpados a sua augusta filha.

Os rochedos da ilha Terceira abrigam fieis o hospede illustre que vem dar a liberdade aos portugueses, e um punhado de valentes se agrupa em volta da bandeira azul e branca, já então symbolo e esperança dos homens fortes que iam metter hombros á arrojada tentativa de salvar a nação do abysmo em que se despenhára.

Poucos mezes bastaram á incansavel actividade do Senhor D. Pedro IV para tomar no animo de seus camaradas o ascendente que nunca mais perdeu depois, e para preparar uma pequena mas ousada expedição, destinada a vir tentar no continente a fortuna das armas, debellando os inimigos da Rainha e da carta, ou a ser, como os mais cautos se receiavam, aniquilada e desfeita pelas hostes incomparavelmente superiores dos sectarios do absolutismo.

Mas, ou fosse que tamanhos cuidados parecessem pequenos á grandeza do seu animo resolutivo, ou que o aperto da occasião lhe estimulasse a natural actividade do espirito, ou finalmente que o Senhor D. Pedro IV quizesse provar que não eram ficticias as suas promessas, alguns decretos, dos mais vitaes para a regeneração social do paiz, são datados de 1832, da primeira terra portugueza que pisára, e que mais tarde mereceu chamar-se *Angra do Heroismo*, pela dedicação dos seus habitantes ás idéas constitucionaes. Na ilha Terceira, como mezes depois no Porto, já ninguem podia licitamente duvidar que o Senhor D. Pedro IV fosse o homem necessario á regeneração do paiz, o iniciador e o apóstolo das idéas novas.

«Os decretos de 16 de maio, de 30 de junho e de 13 de agosto de 1832, diz um escriptor contemporaneo, revolviam muito profundamente a terra, a industria, a familia, a governação e os interesses, transformavam de um modo mui violento a constituição physica e social do reino, lançavam ao longe germens mui poderosos de democracia, para a immensa revolu-

ção contida n'elles, não sobresaltar, não encher de espanto até os que não entendiam o seu alcance formidavel.»

E isto tudo feito como e aonde? Na cidade do Porto, ouvindo sem cessar o sibillar dos pelouros, entre os horrores da fome e da peste, e os apertos sempre crescentes de um cerco demorado!

Com 7:500 bravos desembarcára o Imperador nas praias do Mindello, e com elles entrára na cidade do Porto sem disparar um tiro em 7 de julho de 1832! Este primeiro e audacissimo passo, dado com tamanha e inesperada felicidade, não foi seguido de igual fortuna, como era de esperar, no resto do continente portuguez. O terror tinha-se apossado de tal fórma dos animos, mesmo os mais desassombrados, que em breve conheceram os chefes da expedição liberal que só uma luta pertinaz podia resolver a contenda partidaria em que se haviam empenhado. Os gabinetes europeus agora mais favoraveis á causa constitucional, depois da revolução de Paris em 1830, e da quédia do ministerio do duque Wellington, em Inglaterra, pela mesma epocha, ainda assim limitavam a uma restricta neutralidade todos os seus bons desejos pela quédia do governo intruso do Senhor D. Miguel de Bragança.

Foi pois necessario que a pequena mas aguerrida cohorte que dos Açores acompanhou o Senhor D. Pedro IV ás praias do Mindello, se preparasse para correr os azares de uma prolongada e desigualissima luta contra um inimigo dez vezes superior em numero, e dispondo da quasi totalidade dos recursos pecuniarios do paiz. Depois de alguns recontros parciaes, de pequena monta, com que o Senhor D. Pedro IV quiz provar o animo dos seus soldados, e que desde logo achou á altura do seu, se foram em seguida levantando com incrível celeridade as famosas linhas do Porto, devidas á energia e actividade do Imperador, que de dia e noite as visitava, animando a todos com o exemplo, e sendo por vezes necessario que os seus generaes o forçassem a retirar-se dos sitios em que mais copiosas choviam as balas!

Lhano e popular no trato, fallando familiarmente a todos com extrema urbanidade, e a todos tambem franqueando as portas do seu palacio, o Senhor D. Pedro IV foi, durante todo o tempo que durou a guerra o idolo dos seus adherentes, a inspiração e a alma de todos os feitos, quasi fabulosos, que tiveram lugar durante os dois memoraveis annos de 1832 e 1833.

Pouco tempo depois do desembarque da expedição liberal nas praias do Mindello, começava o memorando cerco da cida-

de do Porto, que dez mezes durou apertado, soffrendo os seus defensores todos os horrores da fome e da peste, que os assaltára no 1.º de janeiro de 1833, e entregues aos mil cuidados da sua difficil e precaria situação. Os actos de heroismo individual praticados durante o cerco da cidade eterna pediam mais demorada escripta que estes singelos apontamentos, mas pôde-se affirmar sem receio de sermos desmentidos que o primeiro entre tantos heroes foi o Senhor D. Pedro IV, quer contendo perigosas rivalidades dos seus generaes e ministros, quer expondo diariamente a vida com uma cavalheirosa impassibilidade, quer finalmente promulgando leis do mais vasto alcance economico e administrativo, em harmonia com o espirito das instituições liberaes.

Assim corria com varia fortuna a causa constitucional no Porto, soffrendo e repellindo os frequentes assaltos das forças absolutistas, ainda com o horisonte toldado de espessas nuvens, mas desenvolvendo-se de dia para dia o espirito bellicoso de seus defensores.

Durante este tempo lutava tambem o governo de Lisboa com as maiores difficuldades financeiras, incerto e desconfiado de todos e de tudo, como sempre acontece aos governos que não têm por si o auxiliar das boas idéas e vivem pela adherencia ficticia dos seus partidarios. A cada revés que soffriam as forças absolutistas que cercavam o Porto, seguia-se irrevogavelmente a substituição dos generaes que as commandavam, e recrescia a desconfiança do Senhor D. Miguel até dos seus mais ardentes e zelosos conselheiros, chegando por ultimo a ter quasi exclusiva fé nos estrangeiros, que a quéda dos Bourbons em França tinha trazido a defender causa identica em Portugal! Um general francez era, pelo tempo a que somos chegados, a esperança do numeroso exercito do principe intruso.

Tão apertadas tinham sido mezes antes as circumstancias dos heroicos defensores da cidade do Porto, e a taes extremidades os havia reduzido a fome e a peste, que o consul inglez chegára a offerecer-se officiosamente ao Senhor D. Pedro IV para medianoiro de quaesquer ajustes entre elle e seu irmão, ao que o Imperador promptamente respondeu, *que nunca faria tal, resolvido como estava a levar a contenda até á ultima extremidade.*

Triste seria o desfecho da contenda constitucional, se uma serie de providenciaes soccorros não pozessem os liberaes em circumstancias de tomar a offensiva, vindo por uma ousada resolução tomada em conselho militar, a que presidiu o proprio

Senhor D. Pedro, tentar no sul do reino a fortuna dos combates, e com ella o triumpho ou a aniquilação da causa liberal.

Pela noite do 1.º de junho de 1833,¹ surgia em frente do Porto uma esquadilha, que a commissão mixta de Londres denominada de *aprestos* pozera em circumstancias de vir auxiliar os sitiados, equipando-a convenientemente, e confiando a sua direcção á intelligencia do bravo vice-almirante Napier, que tão relevantes serviços prestou depois aos constitucionaes pelos seus arrojados e felizes commettimentos, quer por terra, quer por mar.

Dez dias depois, a 11 de junho, recebia a esquadilha do almirante Napier a seu bordo a divisão expedicionaria do duque da Terceira, composta de 2:500 homens de differentes armas, que se dispunha á fabulosa empreza de libertar Portugal, tendo para o conseguir de lutar com um exercito de perto de 80:000 soldados, se antes d'isso não fosse encontrado no mar pela esquadra inimiga numericamente superior! Não ha exaggeração em se affirmar que nunca mais temeraria empreza, nem de tão terminantes consequencias fóra confiada a dois generaes, como esta que o Senhor D. Pedro IV entregava ao valor do duque da Terceira, e á ousadia e pericia maritima do almirante Napier!

«Apesar de tão consideravelmente desfalcada de gente, a guarda do Porto, diz uma testemunha ocular, animada pela presença e actividade de D. Pedro sentia bater-lhe o coração de «alegria pela esperançosa perspectiva que se lhe entolhava.» Em breve ás esperanças corresponderam as realidades, desembarcando a divisão expedicionaria no Algarve, para aonde effectivamente se destinára, entrando o duque da Terceira na capital da provincia quasi sem esforço, prologo feliz das suas subsequentes victorias.

Recebida em Lisboa a noticia telegraphica do desembarque das forças constitucionaes no Algarve, curou logo o governo do Senhor Infante D. Miguel de mandar sair a sua esquadra do Tejo, avistando-se esta com a do almirante Napier no dia 3 de julho, na altura do cabo de S. Vicente, e tendo logar a ã celebre acção naval de que só escaparam, para trazer a Lisboa a noticia de uma completa derrota, dois dos nove navios que tinham ido em demanda das forças liberaes.

¹ Vide *Historia do Cerco do Porto*, por Simão José da Luz Soriano.

O feliz desembarque do duque da Terceira no Algarve, e a esplendida victoria naval do dia 5, foram dois acontecimentos precursadores de quasi tantos e tão assignalados triumphos como de combates houve depois entre os dois exercitos belligerantes, sendo notavel por esta mesma época a acção de 25 de julho, em que o conde, depois duque de Saldanha, repelliu no Porto os ataques do general francez Bourmont, disputando-se de lado a lado a victoria com singular bravura e desusado encarniçamento.

Não é nosso intento narrar todos os factos subalternos que foram successivamente tendo logar, nem tão pouco a rapida influencia que elles tomaram no espirito publico até á entrada do duque da Terceira em Lisboa, no dia 24 de julho de 1833, facto que pareceu sair da orbita natural, para se filiar nos contos legendarios, tão fóra estava então das previsões dos mais ousados sonhadores, como ainda agora se nos affigura fabuloso.

Livre Lisboa da compressão em que por tanto tempo a conservára o dominio do governo intruso, grato foi á sua numerosa população poder manifestar os seus sentimentos politicos, festejando agradecida a liberdade que lhe trazia a pequena divisão expedicionaria do duque da Terceira.

Poucas horas se haviam passado depois que em 25 de julho o general Bourmont vira abatido o prestigio do seu renome militar, quando o Senhor D. Pedro IV recebeu a noticia da occupação da capital do reino, annunciando desde logo a tenção de partir para Lisboa, deixando ao duque de Saldanha o commando em chefe das tropas que se achavam no Porto, e das mais que no futuro se lhes fossem reunindo.

Apesar das supplicas instantes da municipalidade do Porto para que adiasse a sua partida, o Senhor D. Pedro IV não pôde annuir a este patriotico desejo, e entrava a barra do Tejo a bordo do vapor *Guilherme IV*, pela tarde do dia 28 de julho, içando o pavilhão real e sendo recebido com indizivel enthusiasmo na capital, ao som de repetidos vivas á Rainha a Senhora D. Maria II e á carta constitucional. Os decretos que haviam sido publicados na Terceira, e depois no Porto, foram-no de novo em Lisboa, desejando assim provar o Senhor D. Pedro IV, que não desmentia nos dias de melhor fortuna o programma que na adversidade achára echo nos corações dos fieis e heroicos companheiros dos seus aturados trabalhos.

Ainda o Regente se achava no Porto quando o ministro dos negocios estrangeiros, duque de Loulé, fóra encarregado de le-

var ao conhecimento da Rainha a Senhora D. Maria II, então residente em Paris, a noticia das victorias alcançadas, e as já fundadas esperanças do proximo e definitivo acabamento da luta civil, acto de deferencia que comprovava tambem a resolução de cumprir a promessa que fizera a sua augusta filha quando ao despedir-se d'ella para intentar a sua aventureosa expedição lhe dissera diante do Rei Luiz Philippe, no proprio palacio das Tulherias: «*Minha Senhora, aqui está um general portuguez que vae defender os seus direitos e restituir-lhe a sua corôa.*»

Depois de algumas medidas energicas, que as circumstancias reclamavam, o primeiro cuidado do Senhor D. Pedro IV foi repetir o seu decreto de amnistia geral para todos os delictos politicos, que infelizmente não achou o echo que devêra achar nos sectarios do Senhor Infante D. Miguel, mas que nem por isso honra menos a magnanimidade e cordura de espirito de quem a concedia.

Senhoras já as forças liberaes das duas primeiras cidades do reino, pelos assignalados successos que acabámos de narrar, e dispondo o Senhor D. Pedro IV de sufficientes recursos navaes para acudir a futuros apertos, ou realisar opportunos desembarques de tropas em qualquer ponto do paiz que os reclamasse, inutil devêra já parecer a effusão de sangue portuguez, se a cegueira partidaria não aconselhasse ao Senhor Infante D. Miguel a continuação da luta civil.

Apesar do reconhecimento do governo legitimo pela Inglaterra e do augmento sempre crescente do exercito liberal, o Senhor D. Pedro IV não se deixou adormecer sobre os louros da victoria, e, receiando ser atacado na capital pelas forças ainda imponentes do absolutismo, resolveu-se, já em circumstancias tão outras das da ilha Terceira e do Porto, continuar a ser o primeiro soldado da causa da Rainha sua filha, e o primeiro obreiro do grande edificio social de que fôra o architecto.

A pé antes de amanhecer, a sua actividade era immensa como os seus cuidados. Quem o via agora nas linhas da cidade ensinando a construir uma trincheira, encontrava-o logo depois adestrando os seus soldados como general, visitando os hospitaes e os quartéis, fallando pelos seus nomes a todos os seus antigos companheiros de armas, evocando da sua prompta memoria as minimas reminiscencias de remotos successos. Quem julgava que o dia lhe fôra cheio com esta incessante direcção dos negocios militares, lia com pasmo á noite um decreto que desarraigava velhos abusos, remoçava instituições viciadas, fundindo em novos moldes decrepitas usanças. A diplomacia nun-

ca o encontrou adormecido nem subserviente, e é á isenção do seu caracter, á consciencia dos seus direitos, e á promptidão com que o Senhor D. Pedro IV executava os mais arrojados planos, que Portugal deveu o restabelecimento seguro da carta constitucional.

L. A. PALMEIRIM.

MARIA PRATAS

(Lenda da Beira)

I



e todos os innocentes gosos da aldêa, nenhum conheço, que se possa comparar ao serão em noites de inverno. O conchego da lareira, a conversação animada e nem sempre rustica, as galhofas e risadas de mangação, o fulgor da fogueira, que arde e crepita sobre as pedras do lar, tudo isto e muito mais, fórma um mavioso concerto, cheio de harmonias e bellezas.

Em uma das minhas peregrinações pela Beira, no pino do inverno, fui uma vez salteado pela noite no meio de um pinhal. Era escuro o sitio e

azado para ladrões.

Na qualidade de estudante, não me podia arrepiar de bandoleiros, que andavam bastos n'aquellas paragens, porque a minguada mala, que trazia na garupa não lhes acenderia a cobiça.

A noite era limpida e serena; brilhava a lua no céo, espargindo no espaço os seus raios frouxos e melancolicos. O frio era

intensissimo e agudo, e a geada começava de cair nos troncos dos pinheiros, formando admiraveis pingentes de cristal.

Era tudo solidão em volta, cortada apenas pelo gemer da brisa gelada por entre as ramas das arvores, que tremiam e abanavam as longas pernadas, como phantasmas descarnados que meneassem os braços em signal de angustia e desespero.

A paizagem, que um luar de janeiro me deixava ver, era triste e algum tanto medonha.

Corria a estrada, (se estrada se póde chamar a um estreito carreiro aberto em schisto escorregadio e bituminoso); corria a estrada a meia encosta de um monte alcantilado. Do caminho á crista surgiam alguns castanheiros infezados e confrangidos, açoitados de nortadas, despojados de folhas, e tomando fórmas sinistras, como se foram gigantes informes e agachados, sentinellas perdidas do inferno a espreitarem os raros viandantes. O terreno era negro, coberto de tojo e urze.

Do outro lado da estrada iam augmentando as arvores, até que na raiz do monte formavam denso pinheiral, cujas copas, sempre verdes, eram illuminadas pela lua e ensombravam a encosta.

Lá em baixo, no fundo do valle, corria o Mondego espumoso e crescido com as ultimas chuvas, e innundando as ferteis varzeas, que lhe orlam o leito.

Ás vezes, por entre o arvoredado, divisava-se de repente o rio que reflectia os raios do astro da noite, e não sei que effeito maravilhoso produzia em mim, aquelle immenso e argenteo listão espraizando-se pelo sopé da montanha.

Defronte de mim erguia-se um monte escalvado e nú, crivado de enormes rochedos, que pareciam ameaçar o vale.

Chegado junto a esse monte abrupto e selvagem, bifurcava-se o caminho. Qual dos dois escolher? O meu guia respondeu-me com um ponto de interrogação. Penetrava-me o frio nos ossos e o estomago revoltava-se-me contra a inopia de alimentos, e total carencia de um cordeal que o alentasse.

Depois de scismar, a tempo que o arrieiro, novo ainda no officio procurava um seixo para fazer fogo com a navalha e isca, resolvi tomar pelo atalho da direita, que se dirigia ao vale, em quanto que o da esquerda era provavelmente alguma vereda, que conduzia ao Caramulo. Dito e feito, e dando duas soffreadas na pobre azemola, que de cançada mal podia arrastar o corpo e firmar o passo por entre os burgãos do caminho, começámos uma descida rapida e ingreme, com grave risco de nos despenharmos pelo monte abaixo até ao Mondego.

Passados uns vinte minutos de caminhar, topámos com uma grande lapa de granito, que nos tolhia o passo.

Desapontamento assim nunca houve. Sobre dois penedos colossaes assentava uma lage titanica, formando um alpendre natural, escuro e lobrego, como a entrada do inferno. Pelas rachas e lesins das pedras penetrava escassa luz, que deixava adivinhar as horrendas profundezas do abysmo.

O vento da noite, que soprava gelido pela boca da caverna, repercutia-se nas anfractuosidades e produzia ora uns sons plangentes e queixosos, qual gemer de creança moribunda, ora uns sons cavernosos, regougo profundo de gigante adormecido, ora um silvar agudo e sibillante. Outras vezes reinava o silencio e só se ouvia ao longe, na solidão que nos rodeava, o bater das aguas do rio, que caiam em cataratas, quando encontravam obstaculo á sua corrente furiosa.

Era a natureza morta em toda a sua mudez hedionda, e lugubre. Não havia o menor indicio de vida; a mão do homem nunca ali havia poisado, deixando o seu vestigio indelevel. Era uma Thebaida alcantilada, pavida, cheia de desolações. Aquella lapa parecia destinada aos negros amores dos seres fabulosos e malfazejos, que perseguem de continuo o nocturno viajante.

Era o leito nupcial, em que os lobishomens, range.do os dentes aguçados, e açoitando a terra com a cauda, deviam estender os felpudos membros pelo chão humido, lambendo com a lingua viscosa o formoso rosto das moiras encantadas, cujos olhos faiscentes illuminariam aquella scena de voluptia diabolica e revolta.

Que de mysterios não haveria ali? O meu anjo máo de certo me havia guiado, porque ao lado da lapa só havia penedos encastellados uns nos outros, como se fossem montões de ossos dos antigos cyclopes. Como atravessar aquella penedia? Como galgar aquella barreira erriçada de difficuldades, e cortada de precipicios? Descoroçoado e tomado de fatal desanimo, de certo preferira abrigar-me n'aquelle ermo, no concavo de algum rochedo, no fundo de algum fojo accessivel, ou mesmo á boca da caverna hiante e soturna se não ouvira ao longe o uivar dos lobos em concerto infernal e famelico.

Não desanimou em tanto o guia, que depois de muito barafustar, e partindo do principio de que não ha beco sem saida, achou emfim o lado superavel d'aquelle labyrintho de rochedos. Cobrei novo animo e até a esfaimada féra, que eu montava, e que similhava o mytho do desespero e da angustia, com as orelhas pendidas, olhos veládos, corpo immovel, e pernas disten-

didas e hirtas, soltou um rincho de alegria, optimo presagio em tão apuradas circumstancias.

Passada coisa de uma hora, quando já a calada da noite nem mesmo era interrompida pelo grito do pegureiro e pelo choalhar dos rebanhos, entrámos emfim em uma aldéasinha louçã e verdejante com as suas hortas, prados e nabaes a mirarem-se no Mondego.

Pelas quelhas esguias, e alagadas com a chuva, que dias antes havia caído, não havia nem viva alma; mas por entre as figas das janellas, saia a luz consoladora, e das trapeiras levantavam-se columnas de fumo, que entornavam na alma delicias ineffaveis.

Chegados á venda, em cuja frente pendia o classico ramo de loureiro (não sei se Bacho, assim como Apollo, se coróou de louros), apeei-me eu, em quanto o arrieiro batia á porta, que se nos antolhava a do paraizo. Uma voz roufenha e tremula, que me pareceu angelica e celestial, respondeu o costumado *quem é*, e entrei sem mais ti'r-te nem guar-te. Que prazer senti então! Pareceu-me ver um céu aberto; affigurou-se-me contemplar os esplendores de um gyneceu oriental.

II

E comtudo o espectaculo era trivial, prosaico e comezinho, como era de esperar n'uma arribana de serra. Mas tudo depende das circumstancias. O frio e a fome são uma varinha magica, que transforma o menor alento e conforto em delicias maravilhosas. Ha occasiões em que um pedaço de pão negro vale mais do que todos os manjares e iguarias do Appicio mais sensual.

Pareceu-me cordeal a acolheita. Já era muito n'aquelles apertos.

Crepitava a fogueira no lar; em volta assentavam robustas panellas, cujos bojos respeitaveis eram lambidos por linguas de fogo, que se escoavam por entre as achas de lenha.

Estavam ali duas pessoas em melancolico convivio. Corria triste o serão. Em escabello alto e toscó estava sentado um ancião venerando, longas barbas brancas, raras farrepas formando uma orla alvejante em volta da espaçosa calva, rosto magro e osseo, e olhos vivos. Firmado o hombro direito a um cajado de nodoso carvalho, estendidas as mãos sobre a labareda, recebia nas pernas, revestidas de polainas de burel até aos joe-

lhós, o calor de que muito carecia, porque os gelos da idade já o iam arrefecendo.

Ao lado uma velhinha desdentada e tremula, alquebrado o corpo e como que dobrado já para a sepultura, olhos baços e empanados, membros hirtos e rigidos, sem a flexibilidade, que a vida dá, ora escabeceava com somno, ora fiava, com tardo movimento, um grosso fio de estopa, que ia enrolando no fuso que mal podia suster nos magros dedos.

Devêra ter sido de elevada estatura, quando fosse nova; devêra ter um porte de rainha e magestoso aspecto; hoje parecia uma foragida do coveiro a fiar o debil fio da vida, quasi roto.

Não sei que lugubre pensamento me veiu á mente ao contemplar aquelles dois velhos, derrocadas ruinas do que foram, acorados no lar, envoltos quasi nas chammas, que lhe emprestavam uns reflexos rubros e sinistros.

O espectáculo, que de principio se me affigurou trivial, antolhava-se-me agora mesmo de mau presagio. O aspecto da velha era horrendo. Parecia ella um cadaver com movimento compassado e automatico. A luz da fogueira fazia destacar aquelle rosto, que já tinha estampada a fixidez da morte. A pelle era encardida e rugosa, mosqueada apenas por uns laivos esverdeados, que um amador das comparações extravagantes, podera assimilar aos vestigios dos reptis da campá.

Era pois repellente e triste a companhia; mas o frio e a fome são maus conselheiros, não medem difficuldades. Além d'isso se os vendeiros eram velhos e caducos, porque não haviam de apresentar os signaes da caducidade e da velhice?

Affiz-me a esta idéa, e aproximando-me do velho, que me contemplava desconfiado e com uns olhos pouco amigaveis, bradei-lhe, tirando o chapéo, que me ensombrou o rosto, e dependurando a capa:

— Ora boas noites.

— Boa noite, respondeu.

— Póde-me dar acolheita?

— Se v. s.^a se contenta com pouco, sim; senão, não. Em todo o caso é vézo dizer-lhe: Deus o guarde, quer fique, quer não fique.

— Aceito tudo, porque vae fria a noite, e a geada cae sem licença de Deus. E como os cumprimentos não aquecem, vou-me ahi sentar junto ao fogo, porque tiritar de frio é ruim coisa.

Olhou elle para mim espantado e como que hesitando sobre

se devia zangar-se ou rir do meu desplante. Vendo que eu juntava a acção á palavra, franziu os beiços com uns ares de riso mas saiu-lhe uma contracção fóra do natural, que o povo na sua linguagem pittoresca e figurada, costuma chamar riso amarello.

— Aqui na povoa, ha outra venda, disse elle.

— Se o não incommodo, prefiro não sair outra vez.

— Os hospedes nunca incommodam, porque pagam. Se for mal servido é culpa sua. Morreu-me uma filha que cozinhava, e como minha mulher está louca de todo, serei eu o cozinheiro. Obra acabada não póde sair.

— Não importa, sempre havemos de nos arranjar.

— Ora pois, sua alma, sua palma, como diz o rifão.

Achegue-se á fogueira e aqueça-me esse corpinho, que ha de trazer enregelado com o vento da serra.

Em quanto eu accendia o cigarro, levantou-se o velho para tratar dos aprestos da ceia, que não podia ser farta, e continuou assim :

— Inda que mal pergunte, d'onde vem v. s.^a a taes deshoras? Os caminhos por estas brenhas não são de convidar, e malavisado anda quem poupa esporas de dia, para tropeçar de noite.

— Venho de... e perdi-me na serra. O guia tambem se perdeu.

— Guia que não guia, é candêa apagada em casa escura, respondeu sentenciosamente.

Entrou n'este comenos o arrieiro, e vendo atacados os seus fóros, accudiu logo :

— Que demonio de caminhos! São atalhos de cabras e não de christãos. Vocês por aqui, continuou elle com toda a indolencia, e embrulhando o cigarro com a ajuda da folha luzente do navalhão, vocês por aqui semeiam pelos modos pedras em vez de centeio.

— Os caminhos são como Deos os fez. Que monta andarmos a deitar-lhes terra, se vêem as chuvas que as levam rio abaixo?

— Eu sei lá, homem de Christo! O que eu sei é que andámos perdidos por algares e atoleiros, e que ao cabo de tantos trabalhos topámos com uma lapa, levada de quantos démos ha n'este mundo e no outro.

— Ha de ser a lapa do lobo. Máo sitio é esse para andar de dia, quanto mais de noite! Credo! santo nome de Jesus! Aparecem por ali bruxas e almas penadas, que é da gente fugir a sete pés.

— Ui! grunhiu a velha, levantando de repente o corpo, e er-

guendo o rosto encarquilhado, como pergaminho. Na lapa do lobo viveu Maria Pratas.

— Maria Pratas! Cal'te ahi, excommungada, bradou o ancião carregando os olhos e meneando a cabeça com uns modos torvos. Não me falles n'essa maldita:

— Maria Pratas, sim, exclamou a consorte pondo-se em pé e mostrando-me as faces lividas e macilentas, e abrindo desmesuradamente os olhos encovados. Maria Pratas, sim, por satanaz! que me cavou estas rugas da desgraça e do soffrimento. Quem ousaria aqui fallar n'essa bruxa senão eu? Arrebatou-me ella os olhos da cara, que eram a minha pobre filha; levou-me a luz da vida, que era a minha neta gentil; tudo me roubou, porque as feiticeiras comem carne humana. Eu cá também heide ser bruxa, voltarei a ser moça, cantando nas encruzilhadas e devezas. Maria Pratas é minha senhora, mas hei de tomar-lhe o lobishomem. Ai! que estoiro que ha de dar a alma negra. Ouvi! ouvi! malditos. Sabei que já estou no inferno em carne e osso. Satanaz é meu rei.

— Cruzes! Qu'estás ahi dizendo, negregada?

— O que digo? O que digo? continuou a velha cada vez mais excitada e brandindo com furor infernal a roca, que arrancou da cinta.

Digo que sou amiga de Maria Pratas, e que se agora me mettessem na pia do baptismo, chiava nem que fosse um ferro em braza aquecido nas forjas de Belzebuth...

E a furia, agitando a roca sobre a chamma, que deitou fogo á estriga, a qual se desfizera em longos fios, que esvoaçavam produzindo finas labaredas, similhava o máo genio do lar, que de repente surgisse do meio do fogo, e estivesse amaldiçoando os que a rodeavam.

Ergueu-se o velho imponente e respeitavel, e exclamou com voz rouca e tremula:

— Cal'te ahi, velha. Sé maldita, já que os teus peccados te arrastam, mas não amaldiçoês os outros.

— Velha? respondeu ella, qual Ménade delirante em torva bachanal; velha? que me importa ser velha? Serei nova ainda com a ajuda de Satanaz, quando beber sangue de rapariga, como os feiticeiros beberam o da minha filha e o da minha neta. Maria Pratas também já fa perdendo a belleza e o frescor com as caricias abrazadoras do lobishomem; mas tudo ganhou, porque o sangue de raparigas é como o orvalho, que em manhã de S. João, cae na resequida alcachofra.

— Lembra-te da Virgem Santa, senão vais para as profundas.

— Tomára-me eu lá para derreter a neve dos annos. Hei de ser como Maria Pratas, que amou um lobishomem. Quero dançar, deixem-me dançar, continuou ella cada vez mais éxaltada, a tempo que o velho soltava um suspiro e deixava pender a cabeça em signal de amargo desalento. Vou dançar. Não vêem, não vêem ali, n'aquelle canto o meu senhor Satanaz? Salta, démo, salta já, e vem bater o compasso com a cauda. Viva! viva! quero dançar, vou dançar. Upa! upa! Lá vem a feiticeira a cavallo n'um corcel de fogo. Tlim! tlim! segue-a um lobishomem com a corrente de rastos. Ui! que fizestes, desgraçados? Fugi, fugi, que vos persegue a cruz do alto do campanario.

Porque fostes la poisar? Fugi, fugi, que não ha luctar contra a cruz. Voltae ámanhã. Comvosco me quero ir. Quero ser moça e feiticeira a tentar os homens com o faiscar dos olhos.

Era medonho este monologo.

No rosto da doida pintavam-se com inaudita fidelidade, as peripecias interiores, de um cerebro incandescido. Quem a vira assim de repente, com olhares espantados, com o corpo alto, magro e esguio em horriveis convulsões, agitando os longos e descarnados braços sobre a cabeça do velho, acreditára ver um dos genios malditos da mythologia popular, desgrehada e repugnante bruxa, que vinha perturbar a consciencia do ancião.

Este nem mesmo tentava já combater contra os delirios da esposa, a qual, ao cabo de mais algumas interjeições e exclamações de pythonisa inspirada, entoou um canto, que variava desde as notas graves e cheias da melopéa, até aos gritos argutos e estridentes da bachante antiga. Os gestos eram desordenados, e o rythmo seguia os gestos.

A letra póde assim traduzir-se :

«Corramos, Maria Pratas,
Á lapa, sem descançar.
Firam fogo as tuas patas,
Meu corcel, voar! voar!

Lança fogo pelas ventas,
Lobishomem 'spera lá;
Cão tinhoso não me tentas,
Teus feitiços tenho já.

Na deveza das montanhas,
Á meia noite serei;

Lobishomem, se me apanhas,
Nos teus braços dançarei.

Abraçada á roca, rompeu depois em dança vertiginosa, em saltos doidejantes, até que, exaustas as forças e tonta a cabeça, foi cair na tripeça, junto ao lume em modorra tão profunda, que parecia estar morta.

Ficou tudo em silencio. Pasmado e absorto, cuidando assistir a um synhedrio infernal, acheguei-me á pobre sybilla, cuja respiração offegante e espasmodica accusava uma insolente irritação.

Silvava emtanto o vento pelos buracos do pardieiro, e ouvia-se o bramir raivoso das aguas misturado com o ramalhar das arvores.

A fogueira ia-se extinguindo a pouco e pouco, e o fumo subia denso em rolos enovelados.

— Voltou-lhe a onda, disse emfim o marido abanando a cabeça e olhando espantado em derredor. Esta creatura, Deus me perdôe, tem pacto com Satanaz. Mas não, não. A dôr ha de matá-la. Minha pobre mulhersinha, continuou affagando o rosto enrugado da velha com tocante carinho, como se fôra um rosto angelico e avelludado; minha pobre mulhersinha, foste tão linda!

Duas lagrimas silenciosas prenderam das palpebras do velho, e foram cair a furto nas faces da mulher. Assim tambem das folhas secas do velho roble, que a brisa do outono vae batendo, pendem de madrugada limpidas gotas de orvalho, e cáem na urze rachitica, que cresce junto do tronco.

Era santo aquelle espectaculo, em que um ancião achava no proprio soffrimento, lagrimas de consolação para um soffrimento maior.

Eu estava confrangido diante de tanta tristeza, a que não podia dar remedio, e cuja causa ignorava. Mas era tão suave a resignação do pobre martyr! No meio d'aquelle doidejar havia tanta harmonia! Era tão expressivo o silencio, que nos cercava, e que a todos offerencia allivio!

Mas pouco durou o encanto; rompeu-se a magia reflexiva, com a brutal intervenção do arreeiro, que exclamou:

— Está doida varrida, a pobre velha. Está aqui, está nos anjinhos.

— Doida, sim, doida com a dôr, que a verga para a sepultura, respondeu o triste estalajadeiro.

— O que ella tem, bem sei eu, tornou o guia. Aquillo são

coisas, que ella vê lá por dentro. Se continua n'este caminho vae direitinha ao inferno. Digo-lh'o eu, e basta. Aposto já aqui, um contra cem, que nem ella quier commungar?

— Qual! Duas vezes no anno, recebe o sacramento. O senhor cura diz que isto é fructo da idade e do soffrer. Eu de mim digo que é desgraça nossa.

— Pois sim, sim. Cada qual no seu officio. O senhor cura lá sabe d'essas coisas, assim como eu sei apparelhar um macho a preceito. Mas vamos ao caso. Quer você fazer uma experiencia? Quando ella estiver a dormir, ponha-lhe sobre o coração um raminho bento de alecrim. Se estrebuchar e ranger os dentes, póde ficar certo de que ella tem o démo no corpo.

— Minha mulher é uma santa, retrucou o velho, deitando a cabeça da mulher sobre os seus joelhos. Maria Pratas roubou-nos os filhos, e é por isso que ella tem estes ataques.

— Lá n'isso não me metto eu, tornou o guia. Eu cá vou tratar da ceia do patrão.

Em quanto o tagarella cuidava d'estes arranjos, concheguei-me eu mais á lareira, ateei o fogo e perguntei ao ancião quem era essa Maria Pratas, que parecia um vampiro.

— É uma feiticeira que apparece na Lapa do Lobo. Casou com um lobishomem, e com elle anda de amores, muito tempo ha. É uma historia bem negra, que finda na nossa desgraça.

— Não m'a podia contar?

— Ah! sr., que coisa me pede? De noite máu é fallar em bruxas! Mas assim como assim, que mal nos póde fazer agora Maria Pratas, se já nos levou filha e neta? De que lhe serviam nós? Ora diga-me, não sentiu nada, quando passou pela Lapa?

— Só senti o gemer do vento na caverna, e o uivar dos lobos ao longe.

— É isso mesmo. Era ella que gemia, para o arrastar aos braços, e requeimal-o no peito de fogo. Mas o lobishomem, que é ciumento, estava uivando para o affugentar. Se fosse á meia noite, estava agarrado, e só se podia libertar, vendendo a alma ao inimigo, e o corpo á feiticeira. Ora eu lhe vou contar.

Na minha qualidade de amator de lendas populares, não perdi uma só palavra, e o que se segue é a narrativa quasi stenographada do velho.

(*Continúa.*)

OSORIO DE VASCONCELLOS.

SONHO DE UMA NOUTE DE VERÃO

The warmest sigh that pleasure heaves,
Is cold, is faint, to those that swell
The heart where pure repentance grieves
O'er hours of pleasure loved too well!

MOORE

VI

O caso foi assim; a minha Julia,
(Era o nome do anjo), começava
A dar mate ás bellezas mais falladas.
A mãe, cheia de susto, como todas,
Pela sorte futura, ardia em ancias
De a casar bem, — o bem quer dizer rica!
Sucedeu appar'cer por este tempo
O barão do Pragal, e de repente
Só se fallava n'elle em todo o sitio.
Um lhe buscava o olhar, outro o sorriso,
Outro lhe mendigava uma palavra,
Palavra de barão, — sempre minhota.
Aqui, vagava o pae, scismando inquieto
Na filha, que podia, sem milagre,
Esse Midas pilhar em casamento;
Ali, a mãe, o irmão, a tia velha,
Appeteciam todos o papalvo.

O mal fez-se epidemico deveras,
Chegou á mãe de Julia; a pobresinha
Não pensava siquer nos desvarios
Da paixão maternal; cega, indiscreta

Quando tudo esfolhava o amor e as rozas
 Na senda que feliz trilhava o nobre,
 Ella apenas sorria, recordando
 As horas do prazer no fim da tarde!

VII

Eu disse no principio d'este conto,
 Se inda me lembro bem, que um certo dia
 Sentiu-se apaixonar o tal minhoto.
 Disse, e foi por então, que, em devaneios,
 Comecei a saltar por *tutti quanti*
 Tenho visto ditar a alguns Horacios.
 Que havia de fazer? quem poderia
 Dizer ao coração: «Pára, não falles,
 «Segue a regra de tal, pensa n'aquella,
 «Porque a carta aos Pisões assim o ordena?...»
 Ai de mim, bom seria que eu podesse
 Pensar em frioleiras de tal lote!

Desvairéi-me, perdi-me, ardi em chammas
 De loucura infernal, gritei sem tino,
 Sem moral, sem razão, doudo varrido.
 Que outra cousa fazer, se a minha Julia,
 Se era ella, infeliz, ella, a votada
 Á sanha da ambição e da torpeza.

Via-a cair; da flor da laranjeira
 Vi-lhe ornar essa fronte, que eu beijára
 Em transportes febris de amor immenso;
 Vi-a perante o altar, que era patibulo
 Da pureza e da paz; vi-a mais tarde,
 Sem cor, sem louçania, sem frescura,
 Sem o calor dos beijos que eu lhe dera
 Sem o tremor da voz que me dizia:
 — «Amo-te, sim; sê meu como eu sou tua!» —

Céos! que negro e fatal correu o tempo;
 Que noutes que eu passei scismando n'ella!
 Se a bossa da lamuria fosse minha
 Como é de muitos vates, quantos versos,
 Em fel, e sangue, e lagrimas banhados,

Correriam, talvez, côxos e mancos,
N'este canto immortal que eu deixo aos evos!

VIII

Julia uniu-se ao barão. Eu tinha lido,
Não cito o livro já, porque não tenho
A memoria feliz de fr. Macedo,
Que, ás do corpo semelham febres d'alma;
Quem d'ellas se quer livre d'ares muda.
Deixei portanto o val, e em mil loucuras
Quiz affogar a dôr, matar tristezas
Que me andavam rallando os seios d'alma;
Tudo em balde tentei; lembrava-a sempre!

Não sei como vivi, não sei que seculos
Penei, no desalento e desconforto;
Uma tarde, porém, (aquella tarde
Fôra fadada só para delicias) !
Encontrei-a sósinha; o que dissemos
Não sei,... pouco talvez,... sentimos muito!

Fui com ella, tornei de novo ao campo
Onde passára alegre a meninice,
Onde crescêra em paz, onde sorrira
Ebrio de amor, de espaço e de ventura.
O passado volveu; a minha Julia
Fez-se a donzella timida e innocente,
Eu c'roei-a de rosas como d'antes.
Muitas, talvez mil tardes como esta
Nos foi dado gosar; n'aquelle engano
Andava o coração rindo festivo.
Atroz realidade inda tentava
Inlutar-nos o céo onde viviamos,
Mas em balde tentava; uma luz pura
De affeições, de prazer, d'aureos encantos,
Com suave esplendor brilhava em torno!

Ninguem tinha um vislumbre de suspeitas
D'essa união fatal; a minha pomba
Vinha sempre encontrar-me no recosto
Da montanha d'além, passar as tardes
Comigo só, bem longe das angustias

Do seu negro martyrio, e sempre altiva
 Me dizia, sorrindo-se contente :
 — «Sou tua ; o meu amor, a minha vida
 «És tu só ; que te importa a desventura
 «Que este mundo nos deu, se aqui no prado,
 «Se além no val refulge um paraíso ?
 «Viviremos assim, como as palmeiras,
 «Que bracejando os ramos namorados
 «Vão, apesar do espaço e dos fúrores,
 «Estreitar-se e viver n'um largo amplexo !» —

IX

Uma tarde, era em julho, (inda me lembro
 Como se fosse agora) caminhava
 Para o sitio feliz, quando ao meu lado
 Vejo parar alguém, — saudou-me logo.
 Sem nada me dizer, deu-me uma carta
 Que em sobresalto vi que era de Julia.
 A pessoa partiu ; e eu, palpitante,
 Tremulo, ancioso, devorei com os olhos
 Essas letras fataes que assim diziam :

— «Ai, amor, foi bem negro o destino
 Que nos fez encontrar na existencia;
 Tantos dias de paz, de innocencia,
 Vão ser pagos com dias de dor.
 E quão triste é lembrar a ventura
 Quando a vemos de todo perdida ;
 Como custa deixarmos a vida
 Quando o peito se inflora de amor !

Fugiu tudo ; não venhas agora
 Procurar-me de novo na terra ;
 Vou deixar-te, provar-me na guerra
 Dos martyrios mandados por Deos.
 Nunca mais hei de alegre, de tarde,
 Encontrar-te no amigo recosto,
 Nunca mais, aos clarões do sol posto,
 Hei de unir os meus labios aos teus.

Vou deixar-te, deixar a alegria,
 Que restava aos meus dias de lucto ;
 Vou tragar os amargos do fructo
 Que este inferno da sorte gerou

Vou dizer-te esse adeos malfadado
 Que nos quebra mil sonhos ridentes ;
 Vou deixar esses campos virentes
 Onde o seio feliz palpitou !

Ouve, pois ; foi quebrado o mysterio
 D'este affecto immortal e profundo ;
 Veiu a voz do dever e do mundo
 Condemnar os meus dias de amor.
 Uma idéa, um phantasma da mente
 Pôde mais que podera o destino :
 Desfazer-nos o élo divino
 Que estas vidas prendêra inda em flor.

Sim, é hoje no olhar derradeiro
 Que este céo, que estás montes contemplo ;
 Amanhã, solitaria no templo,
 Hei de erguer minhas preces a Deos.
 Mas que vezes esta alma agitada,
 Mesmo em meio da prece fervente,
 Pensará n'esse tempo innocente
 Em que unia os meus labios aos teus !

Que mal digam, embora, os transportes
 D'este affecto immortal e profundo,
 Porque a voz do dever e do mundo
 Fez culpada esta ardente paixão ;
 Que mal digam o dedo do Eterno,
 E que venham, sem crer no destino,
 Desfazer-nos o élo divino
 Que estas vidas prendêra em botão !

Hei de amar-te ; cresci ao teu lado,
 Costumei-me a affagar-te no rosto,
 A sorrir aos clarões do sol posto
 Co'os meus labios unidos aos teus.
 Oh, sou tua, qual são da campina
 Estes lyrios que ao longe contemplo,
 Serei tua inda mesmo no templo,
 Quando erguer minhas preces a Deos ! —

Quando acabei de lèr perdi o accordo,
 Faltou-me a luz, gritei, não sei que tive,

Ardeu-me o sangue, n'um febril delirio
Agitei-me por dias; quando a vida
Começou a volver, lembrou-me tudo.
A minha dôr foi muda, ninguem veiu
Sondar-me o coração, seria um crime.

X

O barão do Pragal soubera tudo.
Um devoto sem par, d'estes que zelam
O modo de viver do mundo inteiro,
Fôra contar mui lepido ao minhoto
A criminosa historia d'esse affecto.
O barão recolheu-se, e algumas horas
Ficou virando e revirando o assumpto.
A perfidia era o menos que rallava
O pensamento inquieto d'aquelle homem;
Mas a grã cruz, o titulo manchado,
A vergonha do mundo, a sociedade
Apontando um barão ao riso publico,...
Oh, tres vezes horror! horror tres vezes!
Gritava o parvo heroe com Shakspeare.

A vingança sorriu-lhe; aquella mente
Afeita a meditar sobre as torturas,
Aquelle coração que ensurdecêra
Entre o gemer feroz de mil escravos,
Prégaram-lhe o furor, — cedeu-lhes logo.

Poucos dias depois, a minha Julia
Solitaria chorava n'um convento,
Mas lagrimas de amor, não de remorsos.
Que devia eu fazer? se acaso ousasse
Dar pasto ao meu rancor, o que diria
Este mundo de honestos e beatos?
Depois, a minha luz, a providencia
Da minha vida inteira, a que eu perdêra,
Que pensára de mim? — Martyr e santa,
Dizia-me de lá que perdoasse!

Quando tudo acabou, quando o silencio
Veiu cobrir co'as azas implacaveis
O bulicio fatal, da desventura
Só restava uma victima innocente;

Eu, triste e só; e ao longe, e muito acima
 Do mundano rumor, um conselheiro,
 Um valido da sorte, um potentado,
 Um barão do Pragal, um grande, um nobre,
Y muchas cosas mas que yo callo ahora !...

XI

Hontem, quando vagava solitario
 Sobre o monte d'além, onde ha tres annos
 Fui passear com ella, olhei em roda;
 Vi a mesma campina, as mesmas arvores
 Que nos davam out'ora a sombra amiga,
 O mesmo escuzo val, ouvi ao longe
 O murmurio subtil do mesmo rio
 Que deslizava então, senti o aroma
 Que embalsamava o espaço, — e olhei em roda.
 Ai, de mim, ai, de ti pomba innocente,
 Que pensarias tu n'aquellas horas !...

Pouco a pouco, minha alma commovida
 Foi socegando então, vaga saudade
 O peito me inundou, volvi de novo
 Ao passado feliz, — perdido ha tanto.
 Quando na balsa o rouxinol soltava
 Os seus carmes de amor, lembrei-me triste
 D'aquelle doce canto que lhe ouvira
 Baixinho murmurar, dando-me um beijo :

— «Recebe amor, consagro-to
 N'este anhelante beijo;
 Meu unico desejo
 É só viver por ti.
 A minha vida encerra-se
 N'este prazer profundo;
 Quanto ha de bom no mundo
 Tudo fenece aqui.

Quando pequena e timida
 Folgava na campina,
 Não sei que voz divina
 Dizia então dos céos :
 « — Cresce, florinha pallida,

«Nascida entre os abrolhos!...»—
Erguia então meus olhos,
Para fitar os teus.

As faces inflammavam-se,
Sem ter inda motivo ;
Ficavas pensativo
Quando eu te olhava assim :
É que a tua alma erguia-se
Pensando no futuro ;
É que o teu seio puro
Batia então por mim.

Crescemos, costumaram-nos
Aquelle affecto santo,
Cercaram-nos de encanto,
Abriram-nos o céo.
Quem diz agora : — «Extinga-se
«Essa paixão maldita?...»—
Se em ti meu ser palpita,
Se o teu viver é meu !

Não, não te deixo ; encanta-me,
Namora-me a existencia,
E a voz da consciencia
Não turba o nosso amor.
Quero correr esplendida
A luz da madrugada,
Beijar-te afogueada,
Colher no prado a flor.

Quero dizer : — «Escondam-se
«Tristezas d'esta vida ;
«Eu sou feliz, querida ;
Senhora, amada eu sou!...»—
Quero dizer-te : — «Abraça-me,
«Não tenhas já receio,
«D'este fervente seio
«Todo o prazer te dou!»—

Quero morrer amando-te,
Morrer n'esta ventura,
Como avesinha pura
Revendo-se nos céos.

Oh, vem comigo, apressa-te,
Que é breve esta existencia,
Se de encantada essencia
Cercada foi por Deos.

Recbe amor; consagra-to
N'este anhelante beijo;
Meu unico desejo
É só viver por ti.
A minha vida encerra-se
N'este prazer profundo;
Quanto ha de bom no mundo
Tudo fenece aqui!»—

Não pude mais; quando desci do monte
Inda olhei pelo val, onde passára
Tantos annos feliz; a minha vida,
Os sonhos da minha alma, os meus encantos,
Tudo perdêra ali; e eu dei a tudo,
O que é puro nos homens, — uma lagrima!

Agosto de 1862.

E. A. VIDAL.

DOIS LIVROS

CAMÕES por Antonio Feliciano de Castilho, 3 volumes 2.^a edição

TEMPESTADES SONORAS por Theophilo Braga, 1 volume



a um não sei quê de solemne e de augusto n'esse momento, que precede o agonisar de um povo. Chegada á beira do precipicio, a nação, que vai sér riscada da carta politica, como que se consubstancia n'um homem só; expressão sublime do genio nacional nos tempos do seu maior esplendor, que envia á posteridade o testamento da patria moribunda, ou o protesto contra os assassinos, que lhe tripudiam sobre o corpo, sulcado de largas feridas, mas não cadaver ainda. Derradeiro e esplendido fulgor de lampada prestes a extinguirse, triste mas sonoro gemido de

corda de harpa, que estala, a voz d'esse homem vibra na posteridade, e vai-se repercutindo de geração em geração, a luz do seu genio resplandece no horisonte das idades, lampadario de um tumulo gigante, facho que illumina as letras do epitaphio tremendo: «Aqui jaz uma nação!»

Quando a Grécia via surgir no horisonte Philippe de Macedonia, estrella precursora de Alexandre, d'esse astro immenso, que, deslumbrando o mundo com o fulgor da sua gloria, havia de devorar as instituições liberaes da sublime península berço da civilisação européa, astro que devia absorver em si o sereno fulgor das estrellas de Sparta, de Thebas, e de Athenas, e que, ao extinguir-se, deixaria ficar immerso nas trevas esse povo, cuja vívida nacionalidade affrontou os exercitos de Xerxes e ainda hoje espanta o mundo com os feitos gigantes das Thermopylas e de Salamina, quando a Grécia presentia, ao vêr sumirem-se no tumulto Agesiláu e Epaminondas, que o papel que ella desempenhára no mundo estava quasi a concluir, que a sua missão ia terminar, apparece em Athenas um homem nutrido das sãs tradições do genio republicano do Peloponeso, eloquente como Pericles, e mais do que Pericles, respeitador da liberdade como Aristides, patriota como Epaminondas, austero como Lycurgo, sabio como Solon, homem de imaginação ardente e colorida, de palavra vehemente, de gesto impetuoso, orador, cujos discursos agitavam as multidões do Ágora, como o vendaval agitava as ondas do Archipelago, homem a quem Philippe temia mais do que a um exercito, a quem Phocion respeitava, a sublime personalisação do genio politico da Grécia, Demosthenes emfim!

Mas de balde o grande orador evocava os manes dos heróes de Salamina e de Marathona, de balde recordava aos athenienses o exemplo dos seus antepassados, tão ciosos da sua liberdade, que chegavam a commetter essa injustiça sublime do ostracismo, de balde a multidão o ouvia commovida e arrebatada, a ultima pagina da vida politica da Grécia estava escripta no livro do destino, e o heróe de Quinto-Curcio sonhava já essa Odysseá gigante, que havia de ser o epilogo da epopéa grega. A patria de Pericles estava á beira do abysmo, Demosthenes escrevia-lhe o epitaphio; as *Philippicas* eram o protesto enviado á posteridade pela nação moribunda.

Revivia n'elle por instantes o ciúme de liberdade, que déra vida a essas republicasinhas de dois palmos de territorio.

Em plena embriaguez de vinho e de sangue, prostituida, dissoluta, Roma, a cidade eterna, revolve-se no leito da lascivia, com o pé de Domiciano na garganta; no horisonte do imperio começa lentamente a subir uma nuvem negra, e a Meretriz das gentes, ebria e devassa, com os olhos ainda offuscados do immenso clarão do incendio mal extincto, que a mão de Nero accendeu, não vê a tempestade que se accumula, e dança por

cima do volcão que ferve nas catacumbas, e cujos abalos fazem já oscillar o mundo do paganismo. Passando das saturnaes ao circo, Roma a voluptuosa procura fartar nas ondas de sangue christão a sede, que o phalerno espumoso já não consegue extinguir. Está a dois passos o precipicio; então surge um homem em quem revive a antiga austeridade republicana; nas horas mortas da noite, enquanto Roma se agita no seu voluptuoso estertor, a sombra de Catão vem poisar austera junto d'esse homem, e dar-lhe a espada, que lhe ha de ser buril para inscrever no eterno bronze da historia a punição dos assassinos da patria, o protesto da velha cidade de Quirino contra a nefanda herdeira do seu nome, contra a prostituidora das suas tradições. E enquanto ao longe, muito ao longe, se ouve o confuso estridor das armas dos germanos, enquanto o estranho écco de uns hymnos suaves de uma nova religião vem expirar no ouvido do solitario pensador, de involta com os canticos obscenos da escrava dos Cezares, elle, o descendente directo dos Scipiões e dos Gracchos, escreve o epitaphio de Roma pagã.

Como se chama esse homem?

Tacito!

Aqui na extrema do Occidente houve um povo pequeno, que praticou grandes feitos, cujo nome encheu o mundo, cujas bandeiras tremularam em todos os mares, porque tinha um grande elemento de vida—o patriotismo! Collocou-o Deus aqui, sentinella avançada da Europa, debruçado para o Oceano, a ouvir no marulhar das vagas o écco longinquo dos rugidos do Adamastor, a respirar na brisa humida dos mares os ignotos perfumes das praias americanas. Actor sublime do grande drama da historia, via d'estes bastidores de penhascos desenrolar-se o palco gigante, para onde o impellia o dedo da Providencia. Ufano de si proprio, convicto da importancia do seu papel, não consentia nem podia consentir que a Hespanha o quizesse arregimentar na lista dos seus comparsas. Apenas soou a hora marcada, apenas esse vulto sublime do infante D. Henrique se ergueu no promontorio de Sagres, ahi se arrojaram os filhos d'essa nação, com enthusiasmo, com fogo, aos mares, por onde lhes compete, guardas avançadas do progresso, abrir caminho ao exercito civilizador. Desgraça sobre quem os vem perturbar no cumprimento d'esse dever! e elles lá caminham, os heroicos filhos da Lusitania

*Povos e mares varrendo
Do Zaire além de Ceylão!*

É esse orgulho nacional, essa ufania que todos e cada um têm de se chamarem portuguezes, que lhes dá força, que lhes dá vida, é esse o baluarte impenetravel que rodeia este ninho das aguias dos mares, e conserva em respeito attentas e silenciosas as nações da velha Europa! Portugal isolou-se d'ellas. Desaba uma porção do edificio da igreja, e Portugal não ouve o ruido da queda. Ergue-se Luthero, e Portugal não o conhece. Lutam Carlos v e Francisco I, e Portugal dá mais importancia ás discordias do Çamorim de Calicut, e do rei de Cochim. Nada o consegue distrair. Trabalham com affinco os seus filhos, todos por um, um por todos, ligados por esse energico laço de um ardente patriotismo.

Porém, logo que findam a sua missão, assim que despem a armadura e se recostam nos lubricos palmares do Oriente, apenas os sublimes aventureiros se transformam em negociantes, logo que o avido egoismo do mercador substitue o fervido patriotismo do guerreiro, começa o agonisar d'esse povo. É unicamente o affrouxar d'esse laço, que o conduz á morte. Alcazer-Quibir não produz a sua queda, accelera-a, proporciona o ensejo. A corôa portugueza não se perdeu nos areaes da Africa, caiu florão a florão, arrancada por Antonio de Brito e Garcia Henriques, os salteadores das Molucas, por Faria o roubador dos tumulos dos imperadores da China, e por tantos outros que fizeram execrado o nome glorioso de Portugal. Não é a derrota, por mais completa que seja, de um exercito de dez mil homens, que mata uma nação, se ella já não estiver moribunda. Os povos não morrem de ataques apoplecticos. Mas o energico patriotismo de Portugal perdera todo o seu vigor, e, assim que os braços frouxos dos mercadores da India deixaram pender as espadas, que, unidas em broquel de ferro, escondiam Portugal aos olhos da Europa, a Europa vio Portugal.... e rio-se!

É n'este momento, em que a nossa nacionalidade se desvigorisa, que aparece na scena da historia o seu immortal representante. É n'este momento que surge um homem, que atravessa o Oriente com as mãos limpas do oiro ensanguentado, com o espirito aventureiro dos audazes descobridores, e com a alma ardentemente patriótica dos Alvares Pereira e dos Albuquerque! Esse homem, verdadeira personalisação do genio nacional, vê o imperio portuguez oscillante na India, vê o egoismo infrene produzindo no Oriente atrocidades e villanias, no reino villanias e traições! Então busca as solidões de Macau, e vê na sua gruta apparecerem-lhe os phantasmas epicos do velho Portugal, «É tempo», dizem-lhe elles, e o poeta-soldado

depõe a espada, lança mão da penna, e escreve o testamento da patria, a Biblia do patriotismo, os *Lusiadas* de Camões!

Era lenda vulgar na Escocia que todas as familias nobres tinham um genio protector, o qual, quando essas familias estavam para fenecer, apparecia á noite no alto das torres dos seus castellos, agitando os braços, fazendo ondear as roupas alvejantes, e soltando lamentosos queixumes.

As nações têm tambem o seu genio, que lhes vem prognosticar a morte. Esses vultos, em que ellas se consubstanciam, Demosthenes, Tacito, Camões, apparecem na hora da agonia, e soltam o canto sublime do cysne espirante.

É empreza, que só grandes genios podem tentar, fazer apparecer estes vultos enormes na tela do poema, do romance, ou do drama, e fazêl-os destacar, dando-lhes as devidas proporções, da turba de pygmeus que os rodeia. Tentou-a o senhor Castilho com o vulto do nosso epico, e foi admiravelmente feliz.

O drama *Camões* é um dos monumentos da nossa litteratura.

Não me fallem nos taes francezes, que pelo nome não percam, que se vieram apoderar d'este grande vulto da nossa historia, para fazerem d'elle um heróe de drama como outro qualquer, emprego que podia ser igualmente desempenhado por um poeta da *Phenix Renascida*.

O titulo do livro do senhor Castilho é o seguinte: *Camões, Estudo Historico-Poetico, liberrimamente fundado sobre um drama francez, etc.*

O titulo devia ser:

Camões, Estudo Historico-Poetico, em que liberrimamente se fustiga um drama francez, que veio metter o nariz nas vidas alheias, sem d'ellas saber coisa alguma.

Pois que têm elles com esta obra essencialmente portugueza? Que têm elles com este feliceiro estylo? Que têm elles com esse maravilhoso auto, que Gil-Vicente affiança ter escripto, por uma indesculpavel vaidade? Que têm elles com esse admiravel panorama da época, que se vai desdobrando lentamente diante de nós, e que nos vai mostrando o espirito interesseiro substituindo em tudo o patriotismo, o filho degenerado dos rudes companheiros d'Albuquerque nõ effeminado Real, o homem, para quem o espirito da nacionalidade já perdeu todo o prestigio em Martins Gonçalves, os pobres populares, em quem se refugiou o amor da patria, mas que nada podem fazer, porque são, e serão por muito tempo, e estão sendo ainda os párias das nações? Que têm elles com a sublime elegia do quinto acto? Que têm elles com o grandioso vulto de Camões, com

esse espectro da nacionalidade portugueza, que surge aterrorado e indignado no banquete dos que a estão assassinando?

O auctor do *Camões* não quiz fazer d'elle um drama, ou antes não quiz condescender com o gosto das platéas. Preferio traçar um quadro historico completo. Acho que fez bem. E pena é, que não haja um theatro com forças sufficientes para dar a perspectiva da scena áquelle panorama, e animar aquellas figuras, que parecem querer saltar da téla. Seria uma noite sublime aquella em que assistissemos não á representação de uma peça, mas á resurreição de uma época.

Quando digo que não ha theatro com forças sufficientes para isso, quero dizer que o nosso theatro normal não póde abstrahir do gosto do publico, e, em vez de lh'o dirigir, tem de se deixar em parte dirigir por elle.

Se assim não fosse, e ainda que o *Camões* precise de grandes despezas para ser posto em scena, e não seja peça escripta expressamente para o theatro, isto é com certas condições de movimento e rapidez de dialogo, parecia-me que seria melhor que o dinheiro gasto com absurdos espectaculosos, com peças escriptas expressamente para servirem de fundo ao scenario, se gastasse em pôr em scena estes quadros monumentaes das épocas da nossa historia.

Mais me quereria estender sobre este assumpto, porém falta-me o espaço, e, depois de ter citado essas magnificas notas, em que bastantes alvitres se propõem dignos pelo menos de attenção, depois de ter apontado ao leitor um bello estudo sobre os Castilhos illustres, escripto pelo filho do mais illustre de todos; pelo digno herdeiro das gloriosas tradições d'esse nome, por Julio de Castilho emfim, moço de um immenso talento, que se esconde teimosamente na sombra, mas cujos claros intermittentes bastam para nos mostrar o muito que elle vale, depois de ter apontado tudo isto rapidamente, passo á segunda parte d'este meu ligeiro esboço bibliographico, á apreciação das *Tempestades sonoras* de Theophilo Braga.

Que esplendida, que opulenta primavera não é a d'este poeta! que delirio de seiva não ferve dentro d'aquella arvore de benção, que se desata a um tempo em fructo e em flór, fructo de carnuda polpa, flór de colorida pétala! que exuberancia de vida, e de imaginação, e de erudição! que desabrolhar de poesia! que esplendor de aurora!

Como n'aquellas magnificas florestas da America do Sul, em que regurgita a seiva fecundada pelo sol, trasbordando e brotando em ramaria intrincada, em vergontas que se entrelaçam

n'uma verdadeira loucura de vegetação, assim no espirito juvenil do senhor Theophilo Braga se atropella uma grande copia de idéas adquiridas, que, fecundadas pelo sol da imaginação do poeta, dão em resultado esses livros admiraveis, taes como a *Visão dos tempos*, e as *Tempestades sonoras*, em que o poeta, arrastado por esse feliz defeito da opulencia—a prodigalidade, arroja a flux pérolas e pérolas, que poderiam e deveriam formar talvez corôas mais artisticamente entrançadas.

Ali ha um volcão de poesia em constante actividade; irrompem a cada passo d'aquelle espirito torrentes de lava, que elle não poderia reprezar talvez, ainda que o quizesse. Possue-se d'elle não sei que louco frenesi de inspiração, os dedos correm impacientes todas as cordas da lyra da humanidade; hoje é poeta grego, amanhã biblico, depois christão, no outro dia romano, e a final indiatico. Novo doutor Fausto, viaja pelo mundo no manto de Mephistopheles. Theophilo Braga escreve para si, não escreve para o publico; tanto melhor para o publico se o ouve em certos assumptos, tanto peor se o ouve n'outros.

Theophilo Braga tem um não sei que de sibylla; falla emquanto a inspiração o tem prezo nas suas garras de fogo, cala-se quando a inspiração affrouxa. Isso vé-se principalmente nos seus artigos em prosa. Todos elles são antes fragmentos do que verdadeiramente artigos. Theophilo Braga está pensando, de repente e, por acaso, pensa em voz alta. Esse trecho, que elle pensou em voz alta, é o artigo que apparece continuado depois no seu espirito. D'essa continuação não tem conhecimento o publico. Isto em prosa é de certo um defeito, em verso desculpa-se mais. O vago, dentro de certos limites, não faz mal á poesia, como que a envolve n'um mysterio augusto.

O poema da *Bacchante* é formado como que de jorros de poesia hellenica; mas, permittam-me a classica metaphora, esses jorros são pura agua da Castalia.

No novo livro que publicou, e que se intitula *Tempestades sonoras*, segunda parte da *Visão dos tempos* encontra-se já um pouco mais o artista. *As Ceias de Nero* formam, mesmo consideradas debaixo d'esse ponto de vista, um bellissimo poema.

As Ceias de Nero! Ahi temos nós a perola do livro! Que profusão de lyrismo! Como o poeta se compenetrou bem do espirito da época! como estudou Petronio, o cortezão devasso e satyrico, esse elegante Rabelais de uma época, em que o ridiculo é côr de sangue, e em que o latego, que o fustiga, toma por isso não sei que lugubre reflexo!

Parece-me que o sr. Theophilo Braga de nenhum genero de poesia se impregnou tão bem como da poesia grega. Já a *Bacchante* o demonstrára! Veio confirmal-o o poemeto das *Ceias de Nero!* A poesia romana não é senão um reflexo da poesia grega, e Petronio, ao rasgar as veias, entôa um verdadeiro cantico d'Anacreonte.

As Ceias de Nero! que admiravel, e que bem aproveitado assumpto! Que soberbo contraste o dos dois festins, o festim eucharistico do Ágape christão, o festim dissoluto do palacio dos Cesares!

Sim é esse, devia de sér esse um dos banquetes, que inspiraram a Petronio o sublime e pungente quadro do Festim de Trimalcião. Devia de sér essa a agonia de Roma. Entre o vinho espumoso, as mulheres pallidas de lascivia, as rosas desfolhadas, os manjares requintados, sente Nero o cançasso, a fadiga! Imperador! o mundo todo o sente! o mundo pagão, adorador de um culto, que perdeu já a mystica poesia do primitivo symbolismo, e que passou a sér apenas a glorificação dos deleites materiaes, recosta-se junto dos altares dos seus deuzes, sente na alma um vazio horrendo; a lingua que lhe servio outr'ora para traduzir, imperfeitamente sim, a aspiração do seu espirito para Deus, perdeu toda a significação. O vago reflexo de ideal que lhe doirava as crenças, sumio-se, e os idolos vão, a que sacrificam, prégam todos, com o exemplo, a satisfação infrene dos appetites materiaes. Mas a natureza humana protesta, de vez em quando, contra a bestialisação forçada a que a querem reduzir, uns procuram, como tu, inventar novos prazeres, novas orgias, cujos clamores abafem a voz do coração. Outros prestam o ouvido aos sectarios da nova crença, e vão augmentar as fileiras d'aquelles, que dão á humanidade os thesouros do seu espirito, e que entregam com indifferença ás feras esse corpo vil, que tu, imperador, adoras em ti, e que n'elles não é mais do que o ninho ephemero em terra estrangeira da alma, essa andorinha que espera anciosa a primavera do céu.

Nero, imagem e flagello da Roma pagã, recosta-se cheio de tedio á mesa do banquete. Nada mais póde inventar para erguer esse pezo enorme de aborrecimento que o esmaga! Nada mais? engano-me. Uns frouxos clarões começam a allumiar a um tempo os quatro cantos da cidade, depois vão estendendo a pouco e pouco os seus braços de fogo, afinal, soltando um rugido, apertam a si os edificios ingentes da cidade eterna, e envolvem o Forum n'um manto de chammas. E Nero, que vê sorrindo-se, o marmore das torres e das estatuas tingir-se de

reflexos escarlates, brada: «Faço-te de novo rainha, ó Roma. Eis a tua purpura.»

Sigâmos n'este ponto a magnifica descripção do sr. Theophilo Braga:

Pelas sombras

*De procellosa noite luz brilhante
A vista absorta cega. As labaredas
Já, famintas no ar rubras, fluctuam;
Era o incendio de Roma! A chamma indomita
Lambe por toda a parte, o estrago vóa,
Baqueam altas fabricas, por terra
Ruem torres enormes. O alarido
Da consternada plebe se mistura
Ao crepitar do fogo que a circunda!
As chammas vão do Caelio ao Palatino,
Como farpadas linguas de serpentes.
A flamma brilha d'entre o espesso fumo,
E coruscante lavra, e se derrama
Madeixa loira e solta sobre o corpo
Da Meretriz das gentes. Brada insano
No ergastulo profundo o escravo, as grades
Vergam-lhe sob os dedos na ancia extrema!
No tumulto se esmagam, se atropellam!
Os monumentos inclytos desabam,
Cobrindo a multidão que tripudia.*

N'este poemeto ha uma vehemencia de lyrismo, um tão perfeito tom da era, que nos espantam. Desde o aposento de Celia até á arena do Circo, Theophilo Braga nem um instante só sente affrouxar-lhe a imaginação.

Não desmentiria talvez Ovidio a descripção do aposento da dama romana, e da sua voluptuosa *toilette*. Intercalaria ufano Chateaubriand nos seus *Martyres* o canto, que se intitula as *Horas do Ágape*, e Eudoro não desdenharia contar a Cymodocéa, depois dos seus combates contra os armoricanos, os combates do heróe de Theophilo Braga contra os lusitanos do monte Herminio. É esse effectivamente um dos mais bellos episodios do poemeto.

*Ao outro dia, á luz do sol que nasce,
Cahindo a jorros do alcantil dos montes,
Achei por terra as legiões romanas
Sobre as cruentas fragas. No destroço
Fiquei tambem, perdido, extenuado.*

*Senti a raiva, o opprobrio da ruina!
Ao vir da noite negra, a todo o custo
Ergui-me ás roucas vozes dos abutres
Pairando sobre as cryptas escavadas
Dos fraguedos do Herminio.*

Comtudo n'esta mesma descripção encontrarei, parece-me, um anachronismo. Póde-se suppôr, que Licinio, o cavalleiro romano do tempo de Nero, diga :

*Era a ondina do nevoeiro
Era a fada que scisma divagando ?*

Supponho que não.

O *Festim de Trimalcião* produz no leitor o effeito do episodio do livro de Petronio, que dá o nome ao canto de Theophilo Braga, misturado com a impressão voluptuosa de alguma das elegias delirantes dos *Amores* d'Ovidio. É aquella verdadeiramente a Roma agonisante. Como Petronio, o devasso historiadador da devassidão, tambem Roma tem as veias rasgadas, e esmorece no seio da volupia, empunhando igualmente a taça de phalerno. Cito uma estrophe ao acaso do canto de Petronio moribundo :

*Teu braço de neve
Nas dansas ligeiras,
Fogosas, lascivas,
Me prende subtil !
Com passo tão leve
Nos ricos tapetes
Das salas faustosas,
Rescalas não cansas,
Arfando gentil.¹*

Deixando-se arrastar pela sua erudição, continúa o sr. Theophilo Braga a evocar todas as litteraturas. Mostra conhecê-las a fundo, mas, por Deus, o sr. Theophilo Braga é pagão devé-

¹ O sr. Theophilo Braga parte os versos ao meio, e dispõe-n'os da seguinte maneira :

*Teu braço
De neve etc.*

É mais bonito mas vem a dar na mesma. Não o imito, porque disponho de pouco espaço.

ras, tão pagão como o seu homonymo Theophilo Gautier. É um adorador da fórma! um discipulo de Ovidio e de Anacreonte! É pagão convicto e relapso! O mysticismo israelita, o ascetismo indiano não lhe agradam muito. *Sémida* e a *Pérola de Ophir* são duas glorias para o artista, mas a idéa religiosa, tudo em Israel, tudo tambem na India, apenas se entre-mostra n'essa pastoral e n'esse drama. Maghavan não é nem parente do rei de *Vicrama e Ourvasi*, e em vão procuro a idéa pantheistica nas scenas do drama indiatico. Theophilo Braga, no seu prologo, mostra perceber perfeitamente a poesia do Ganges, a intima ligação da natureza com todos os actos da vida, esse pantheismo tão diferente do pantheismo grego, que, em vez de personalisar os objectos inanimados, como o fazia a poesia hellenica, os conserva taes quaes são, e nem por isso deixa de lhes dar voz e alma. Essa tendencia, que, coisa notavel! tornamos a encontrar na poesia moderna, e que se torna até muito sensível nas *Contemplações* de Victor Hugo, revela-se esplendidamente no episodio do nascimento do Ganges no grande poema do *Ramayana*.

Mas se Theophilo Braga concebeu bem essa idéa foi mais infeliz na execução. Maghavan pensa antes nas delicias do amor carnal do que nas ethereas *rêveries* do amor indiano. Vamadheva, typo que, pela ingenuidade, se approxima sim da Sacountala do drama indico, esquece-se depressa, pensando no seu esposo, da natureza sua irmã. Não ha, na *Pérola de Ophir*, coisa que se assemelhe áquellas palavras de Sacountala:

«Ó meu pai! deixai-me fallar ainda a essa flor do madhavi, a quem eu chamava minha irmã, e cujas purpureas moitas brilham como uma chamma nos bosques.»

Virupa não tem a minima feição dos ascetas brahmanicos. As aguas do Douro não são as aguas do Tomosa, e Brahma, que visitava Valmiki na sua cabana de folhas, não está disposto a fazer uma longa viagem para vir ao Porto visitar o sr. Theophilo Braga.

Mas isto em nada diminúe o elevado merecimento lyrico da *Pérola de Ophir*.

Com os vastos recursos de talento e de erudição, que o sr. Theophilo Braga possúe, parece-me que escusava de desfolhar a sua corôa lyrica ás brisas de todas as poesias, e que podia dar mais unidade á sua obra. Narre-nos o passado, ficando no presente. Não queira, como Cagliostro, fazer-nos suppôr que viveu todas as idades de homem, e, concentrando as suas immensas faculdades no estudo de uma época, legue á humanidade um monumento grandioso. Não imite lord Elgin, arrancando

aqui e acolá aos monumentos gregos uma pedra, uma estatua, um columnelo. Escolha ou a antiguidade classica, ou o nosso passado nacional, essa prodigiosa mina, onde encontrará, por exemplo, os materiaes ainda desaproveitados da conquista da India, entre os quaes, com a sua erudição, e com a facilidade que tem de se impregnar da cor local, podia encontrar assumpto para um poema, que seria de certo mais apreciavel e apreciado do que a *Pérola de Ophir*, e imitando, de preferencia ao lord inglez, Sélinus, o architecto grego, reuna os thesouros que espalha com tanta prodigalidade, e faça com elles um monumento harmonioso como o Parthénon d'Athenas.

M. PINHEIRO CHAGAS.

CHRONICA SCIENTIFICA

Animalculos microscopicos—Foraminiferos—Movimentos dos animaes microscopicos—Voracidade dos animalculos, e pluralidade de estomagos — Propagam-se os animalculos dividindo-se?—Methamorphoses dos infusorios — Reprodução — Os rotiferos, animalculos de organização perfeita — Superioridade das feméas sobre os machos — Gerações espontaneas - - Animalculos parasitas no homem, origem de graves doenças.



a *Chronica* publicada no numero anterior da *Revista*, buscámos attrahir a curiosidade do leitor para o estudo d'essas organizações mysteriosas e variadas, que, por causa de suas minutissimas dimensões, só podem ser observadas com o auxilio de fortes microscopios. Se o leitor teve a paciencia de ler o que escrevemos, sabe já que, entre essas organizações singelas, umas se podem evidentemente classificar como vegetaes, outras possuem caracteres, que as devem fazer considerar como animaes, e outras em fim são de uma natureza bastante ambigua, para que os naturalistas tenham hesitado em as collocar n'um ou n'outro dos dois grandes grupos, nos quaes naturalmente se dividem os seres organizados em geral.

A observação de vegetaes formados de uma ou mais bolsas mem-

branas ou cellulas, e das methamorphoses porque passam esses vegetaes, já apresentando-se como pequenas cellulas fixas cheias de liquido glutinoso, já transformando-se em corpos arredondados e coroados de filamentos vibratios, que lhes imprimem movimentos: a existencia de pequenos seres formados de cellulas dispostas como as contas de um rosario, e movendo-se por oscilações successivas, que, até certo ponto, simulam os movimentos dos animaes; a analyse de plantas envolvidas em conchas siliciosas e manifestando uma agitação de natureza particular e intermitente; a difficuldade de seguir nas suas successivas evoluções seres que só pelo microscopio se podem aperceber; tudo tem contribuido para difficultar o estabelecer-se um limite definitivo entre vegetaes e animaes, n'esses confins inferiores da organização. A distincção mais natural, que hoje se póde estabelecer entre os dois grupos, é a fundada no modo de alimentação. Os seres que se alimentam pela sua superficie exterior, e, em grande parte pelo menos, de materias inorganicas, são considerados como vegetaes: os seres que ingerem os alimentos, que introduzem em cavidades internas, mais ou menos bem limitadas, substancias organicas, são considerados animaes.

Nem sempre, porém, tem sido possivel observar, de maneira a não deixar duvida, o modo de alimentação de alguns dos seres organisados cuja existencia o microscopio nos tem revelado; e, se notarmos que a esta difficuldade se accrescentam as que resultam das phantasticas methamorphoses, porque passam os seres de organização inferior, e da existencia de movimentos em organismos cuja natureza vegetal se não póde pôr em duvida, ser-nos-ha facil conceber os motivos, porque alguns naturalistas descrevem como plantas o que outros incluem no grupo dos animalculos microscopicos. Pondo de parte esta questão interessante, mas longa e complicada, dos limites entre os dois reinos, vamos dar uma breve noticia de algumas d'essas curiosas organizações rudimentaes, classificadas pelos microscopistas em geral entre os animaes.

Ha grandes differenças entre os animalculos de que a sciencia hoje tem conhecimento; sendo uns simples cellulas de uma uniformidade e singelesa extrema, e outros possuindo órgãos variados e complicados apparatus, comparaveis aos dos animaes superiores. Entre as mais simples organizações, que se nutrem pela ingestão de alimentos organicos, e devem pôr isso considerar-se animaes, estão uns seres formados de um liquido glutinoso, muitas vezes cheio de granulações, liquido envolvido n'uma membrana ou crosta mais ou menos distincta, mais ou menos consistente, os quaes se movem lentamente por meio de umas ramificações irregulares semelhantes a raizes, que saem da membrana ou crosta externa. A um typo ana-

logo ao que fica descripto, pela simplicidade de organização, pertencem as *Amæbas*, a que nos referimos n'outro artigo. São estes animalculos formados de um liquido transparente e granuloso, distinctamente envolvido por uma membrana bem definida: a fórma d'estes curiosos animalculos é extremamente variavel, a cada instante saem da sua superficie prolongamentos, que se fixam aos corpos sobre os quaes o animal se move, rojando-se lentamente; estes prolongamentos, pouco depois, desaparecem retraindo-se, para serem substituidos por outros. No interior das *Amebas* observam-se, muitas vezes, os animalculos ou plantas rudimentares, que lhes servem de alimento. Ainda que se possa suspeitar por algumas observações, que n'estes animalculos se dão phenomenos de conjugação e fecundação sexual, comtudo nada se pôde ainda dar como certo a este respeito: o modo commum de propagação d'estes seres é por divisão artificial ou espontanea. Cada porção do animal, separada por qualquer modo, é capaz de reproduzir uma organização em tudo semelhante á do animal completo.

Assim como ha plantas, as *Diatomaceas* que o leitor já conhece, de uma extrema simplicidade, que se envolvem de uma concha delicadissima formada de materia siliciosa, assim tambem ha animaes, de constituição igual á das *Amcebas*, que se revestem de conchas, as quaes pela variedade e belleza das suas formas merecem a admiração dos naturalistas.

Quando se observam ao microscopio as areas do mar, distinguem-se conchas calcareas de fórmias variadissimas, mais ou menos contornadas, com uma superficie coberta de relevos, formando geralmente desenhos regulares, e atrevesadas, quasi sempre, por numerosas perforações; contém estas conchas um animalculo, se a concha tem uma cavidade unica; ou uma collonia de animalculos, se é dividida em compartimentos distinctos. Estes animalculos são apenas formados de uma substância gelatinosa, sem órgãos distinctos. Movem-se elles, lançando pelas aberturas das conchas que os envolvem, prolongamentos retrateis, semelhantes aos que nas *Amebas* servem á locomoção e á prehenção dos alimentos. A propagação d'estes curiosos animalculos é rapidissima, e a sua existencia remonta ás antigas epochas geologicas do apparecimento da vida sobre a terra. Muitas rochas calcareas, margas e calcareos compactos apropriados para construcções, são, em grande parte, formados de conchas d'estes animalculos de singela organização, a que os naturalistas deram o nome de *Foramimiferos*. Nas pedras de construcção empregadas em Pariz as conchas fosseis de *Foramimiferos* são tão abundantes, que se pôde dizer, sem exaggeração, ser aquella grande cidade construida de conchas d'esses animalculos microscopicos. N'um veio de calcareo, extremamente-desagregado e como farinoso, que se encon-

tra proximo de Bemfica, nas visinhanças de Lisboa, encontramos uma grande quantidade de conchas de *Foramimiferos* de varias especies.

Nas infusões de materias organicas apparece sempre uma infinidade de animalculos de fórmãs e organizações diversas, muitos dos quaes tem uma organização complicada, e apresentam phenomenos de methamorphose ainda incompletamente conhecidos. Da natureza dos liquidos em que elles mais geralmente se mostram lhes proveio o nome de *Infusorios*, porque são designados.

Pondo no microscopio uma gota de agua, em que esteve de infusão uma materia organica, observam-se globosinhos moveis e transparentes, que parecem constituidos unicamente por um liquido glutinoso, não envolvido de tegumentos, e tendo fixados n'um ponto da sua superficie alguns, poucos, filamentos, que lhes servem para a locomoção. Estes *infusorios* de organização singelissima, estas *Monadas* são provavelmente estados transitorios de outros infusorios mais perfeitos; são germens e não seres completos. Ás aguas estagnadas dão, ás vezes, uma côr verde e outras avermelhada certos infusorios formados de uma bolça membranosa, cheia de materia corada de verde ou de vermelho, no meio da qual se destingue um ponto côr de sangue, que representa como um olho do animalculo; a bolsa membranosa que o limita tem, n'uma de suas extremidades, um prolongamento caudal, e na outra um longo filamento vibratil. Estes animalculos, a que Ehrenberg deu o nome generico de *Euglena*, entram em certo periodo da vida n'uma phase de quietação e transformação; n'esse periodo envolvem-se n'uma membrana celular, umas vezes gelatinosa e redonda, outras resistente e como cornea, e n'este estado agregam-se em grande numero, e formam uma lamina que fica em suspensão na agua. As *Euglenas*, emquanto estão fechadas n'estas cellulas, dividem-se em duas, quatro ou mais porções, cada uma das quaes, ao libertar-se da prizão em que temporariamente esteve encerrada, apparece com todos os caracteres de uma *Euglena* perfeita.

Nas aguas estagnadas, quer sejam doces quer salgadas, assim como em infusões de materia organica, observam-se numerosas e variadas fórmãs de infusorios, cujos tegumentos são cobertos de pellos vibrateis, de *celhas*, mais ou menos abundantes e variamente distribuidas. Para dar idéa da organização d'estes seres rudimentares, que pela sua extrema mobilidade não podem deixar de fixar a attenção dos microscopistas, basta descrever uma especie que acompanha, quasi sempre, esses bichinhos curiosos chamados *Hidras*, que todos tem observado nas aguas potaveis, parecendo viver como parasita d'elles. Este infusorio, a que os naturalistas deram o nome de *Kerona polyporum*, tem o corpo da fórmula de um ovo um pouco alongado e achatado, brando, flexivel, cercado, no sentido do seu

maior comprimento, por um renque de filamentos curtos e vibrateis; além d'este anel de pellos, observam-se, irregularmente espalhados sobre a superficie do infusorio uns espinhos recurvados, e não vibrateis. Uma abertura lateral, cercada de filamentos dispostos em coroa, representa a bôca do animalculo: interiormente é o corpo da *Kerona* formado de um liquido, que tem em suspensão consideravel numero de granulações; n'esta substancia fluida, que constitue a maior parte do corpo do infusorio, notam-se algumas aberturas arredondadas, que podem comparar-se a estomagos, porque n'ellas se descobrem os differentes infusorios, ás vezes vivos ainda, assim como as plantas rudimentares que lhes servem de alimento. Além das cavidades que representam estomagos, ha outras que se contraem e dilatam com regularidade, imprimindo movimento ao liquido nutritivo, de um modo analogo áquelle porque o coração actua sobre o sangue nos animaes superiores. É pelas vibrações, mais ou menos irregulares e intermitentes, dos filamentos ou *celhas*, que a *Kerona*, assim como os outros infusorios *ciliados*, se movem. Ha n'estes movimentos uma grande variedade, e muitas vezes parecem dirigidos pela vontade; comtudo nada se pôde affirmar a este respeito de um modo positivo.

A *Kerona polyporum*, brevemente descripta, pôde dar idéa de um typo de organização, muito commum no grupo de animaes que denominamos infusorios: ha porém um outro typo de organização, o dos infusorios fixos, para o qual chamaremos a attenção do leitor.

Imagine-se um grupo de hastes flexiveis, umas rectas, outras flexuosas, ou curvadas em espiral, continuas umas e outras bifurcadas; imagine-se cada uma d'essas hastes terminada por uma urna, cuja fórma representa, aproximadamente, em miniatura o envoltorio de uma d'essas inflorescencias muito communs nos jardins, a que chamam jarros: imagine-se cada uma d'estas urnas coroada de pellos vibrateis no seu rebordo superior, e ter-se-ha uma idéa aproximada dos graciosos infusorios fixos, a que se deu o nome de *Vorticellas*. Os pedunculos, que fixam aos corpos em decomposição os curiosos animalculos, são em extremo contracteis; de modo que se enroscam e encolhem rapidamente, quando um corpo estranho ameaça o animalculo, e se alongam, quando este precisa buscar no liquido que o circunda alguma preza, para d'ella se alimentar.

As fórmas descriptas dos infusorios são sufficientes para se ter uma idéa dos typos geraes, mais caracteristicos e dignos de conhecer-se. O estudo microscopico dos infusorios deve ainda considerar-se imperfeito; ha muitos mysterios na vida d'estes seres rudimentares, que nós não podemos descortinar ainda. É sobre tudo assumpto de duvidas, e objecto de curiosidade, a sua propagação.

Propagam-se os infusorios, segundo commumente admittem os microscopistas, por subdivisão longitudinal ou transversal; o corpo assim repartido em dois origina rapidamente dois individuos perfectos, em tudo semelhantes áquelle que se repartiu espontaneamente em duas porções iguaes ou désiguaes. Este phenomeno de *fissiparidade* é difficil de comprehender e de admittir, quando se pensa que os *microzoarios* tem uma constituição mais ou menos complicada, e orgãos distinctos e diversamente distribuidos. E, de facto, observadores conscienciosos não só põem em duvida, mas negam positivamente a existencia da *fissiparidade*, em muitos casos em que ella era admittida até hoje. N'um trabalho recente o sr. Pouchet, o zeloso defensor da *geração espontanea*, nega a existencia da *fissiparidade* nas *Vorticellas*. Attribue este naturalista ás illusões dos sabios a duas causas: as monstruosidades e o parasitismo. Ás vezes, diz elle, encontram-se duas vorticellas intimamente unidas, mas em vez de tenderem a formar individuos isolados, conservam-se sempre ligadas, como verdadeiras monstruosidades que são: outras vezes encontram-se duas vorticellas totalmente distinctas na extremidade do mesmo pediculo, mas n'este caso ainda não houve *fissiparidade*, divisão de um ser perfeito, mas uma simples bifurcação do pediculo: emfim, n'outros casos, notam-se pequenas vorticellas livres, segurando-se pelos seus filamentos vibrateis ás vorticellas fixas, e então o phenomeno não é mais do que um caso de parasitismo. A propagação dos infusorios por subdivisão é, pelo menos, mais rara do que se suppunha até hoje, e não se lhe pôde attribuir a rapidissima propagação d'esses animalculos nas infusões de substancias organicas.

Muitos infusorios soffrem metamorphoses, e nessa occasião perdem o vigor nos movimentos, tomam uma fôrma arredondada, perdem ou retraem os seus filamentos vibrateis, e lançam da sua superficie externa uma materia gelatinosa, a qual, solidificando-se, os envolve, os *enkista*, pondo-os ao abrigo das influencias externas. Os infusorios *enkistados* passam, ao que parece, por modificações diversas, segundo as especies; sendo facto averiguado, pelo que affirmam naturalistas que do assumpto se tem em especial occupado, que do interior dos kistos saem ás vezes individuos numerosos, cujos caracteres são diversos d'aquelles que distinguiam o animalculo que se enkistou.

A historia das transformações porque passam os infusorios é mal conhecida ainda. Segundo Julio Haime, são apenas fôrmas de transição, muitas das que tem sido tomadas como characteristics de especies totalmente distinctas: com tudo, as opiniões extremas d'aquelle observador foram contestadas por naturalistas de muita auctoridade. Não ha tão variadas e multiplas transformações nos infusorios como

admittiu Haime, mas a existencia de metamorphoses, ainda incompletamente estudadas, é tão fôra de duvida nos infusorios como o é nos insectos, nos molluscos, e em outros dos grandes grupos do reino animal.

Lembrando-se das transformações que soffre o bicho de seda, por exemplo, o leitor pôde fazer idéa das grandes differenças de fôrma, de organização, de modo de vida, porque pôde passar um animal sujeito a metamorphoses, antes de chegar ao estado adulto, isto é, ao estado de se reproduzir por meio da conjugação sexual: ora, dando-se nos infusorios metamorphoses, sendo a vida ephemera d'estes animalculos difficil de observar, havendo só uma phase n'essa vida em que a existencia dos sexos se manifesta, concebe-se que por muito tempo se não descobrisse n'esses seres rudimentares a reprodução pela acção sexual, e que esta mesmo fosse posta em duvida. Hoje essa duvida não existe. O sr. Balbiani descobriu que, em cada um dos infusorios perfeitos, existiam reunidos os dois sexos; sendo um ovario o orgam arredondado, e mais ou menos corado, que os naturalistas denominavam o *nucleo*; e um orgam de fecundação, um orgão masculino, outro corpo de menores dimensões, que os observadores haviam descripto com o nome de *nucleolo*. A fecundação depende da conjugação de dois individuos; ficando ambos aptos a produzir ovos.

A breve noticia, que acabamos de dar, dos animalculos denominados *infusorios* basta para se reconhecer, quanto é interessante o estudo d'estes seres rudimentares, quantos segredos da natureza elles nos podem vir a revelar, e quanto ha ainda a fazer para que se possa ter d'elles um conhecimento satisfatorio. O que se sabe acerca dos infusorios é, a nosso ver, apenas bastante para se poder avaliar a importancia dos estudos que sobre elles se podem emprehender: a cada passo se encontra um problema a resolver, uma questão a elucidar, um factó duvidoso a verificar.

O emprego do microscopio revela-nos ainda a existencia de animalculos de organização muito mais complicada do que a dos *infusorios*, e comparavel mesmo á dos animaes superiores. Os *Rotiferos*, que vivem pela maior parte nas aguas doces, onde não ha em grande quantidade materias organicas em decomposição, só na exiguidade das dimensões se assemelham aos outros animalculos de que demos noticia. O corpo dos *Rotiferos* é arredondado e sobre o comprido, posteriormente terminado por uma cauda, formada de tubos que se contraem ou se alongam á maneira de canudos de occulo: a pele é transparente, mas tendo, relativamente, bastante consistencia, e mesmo, ás vezes, apresentando-se coberta de uma especie de casca. Na parte anterior tem estes animalculos um disco, muitas vezes re-

cortado em diferentes porções, e franjado nos bordos por uma ou duas linhas de filamentos vibratéis. Quando em movimento, estes filamentos dão ao disco a apparencia de uma roda, girando com grande velocidade. Entre estes lobos anteriores ha uma proeminencia, que representa a cabeça do animal; n'ella se abre a boca, e fixam a attenção do observador dois pontos vermelhos, que são os olhos. O canal alimentar é perfeitamente distincto, tendo orgãos destinados para a trituração dos alimentos, um estomago, e glandulas rudimentares, provavelmente analógas nas suas funções ao figado. Uma circumstancia curiosa é porém para notar: havendo n'estes animalculos a separação dos sexos, observa-se que a voracidade é uma qualidade distinctiva das femeas; os machos vivem só para o amor, e por isso não precisam nem teem canal alimentar. As femeas não só se alimentam abundantemente, mas teem uma tenacidade de vida extraordinaria. *Rotiferos*, perfeitamente secos durante muitos annos, voltam á vida, quando uma gota de agua lhes vem humedecer os tegumentos.

É no estudo do apparecimento e rapida multiplicação d'estes seres rudimentares, de que buscámos dár noticia ao leitor, que os naturalistas procuram a solução de uma das mais interessantes e graves questões de que se occupa a sciencia; a questão das *gerações espontaneas*.

É a existencia das *gerações espontaneas*, isto é, da formação de seres organisados sem predecessores, pela combinação vital de elementos primordiaes tirados da materia organica em decomposição, um dos pontos ainda duvidosos da sciencia. Mostra a analyse microscopica do ar, da agua e de muitos corpos, que por toda a parte se encontram germens, em maior ou menor quantidade, cuja natureza é difficil de reconhecer, mesmo aos mais habéis e experimentados microscopistas. É á presença d'esses germens, que provoam a terra, penetram em toda a parte, e se encontram em todas as infusões, que é devido, segundo os adversarios das gerações espontaneas, o apparecimento das organizações inferiores, vegetaes ou animaes, em toda a parte onde se acha o meio proprio para a sua evolução; isto é agua, ar, calor moderado, e materia organica em estado de servir de alimento aos seres vivos rudimentares. A observação tem feito ver a outros naturalistas, que os germens não são em tanta abundancia quanto se suppunha, nem elles se acham universalmente derramados por toda a parte; a experiencia parece haver-lhes mostrado, que animalculos e plantas rudimentares se desenvolvem em infusões organicas, que se fizeram passar por uma temperatura superior áquella á qual podem resistir os germens dos seres organisados, em presença de ar tambem preivamente aquecido, ou

de oxigenio puro. Multiplicam-se as experiencias ; variam as interpretações ; dois experimentadores, o sr. Pouchet auctor de um livro notavel sobre as gerações expontaneas, e o sr. Pasteur adversario incansavel dos que admittem taes creações na natureza, travam uma luta tão interessante quanto instructiva ; mas qualquer naturalista imparcial não pôde deixar de considerar a importante questão como não resolvida ainda. Inclina-se o espirito a admittir a possibilidade das gerações expontaneas ; nada tem de repugnante á natureza e á razão a existencia de um tal phenomeno ; a sciencia porém não pôde ainda senão levantar um canto do veu, que lhe esconde os mysterios da criação, e seriao rgulho injustificavel suppôr ella conhecer tudo. A paixão com que alguns sabios estão hoje discutindo sobre as gerações expontaneas, é impropria da gravidade, placidez e desprendimento de preconceitos, com que no nosso tempo a sciencia deve estudar a natureza para descobrir a verdade.

As causas de muitas doenças graves, que atacam subitamente o homem e os animaes superiores, produzindo alterações profundas do sangue, e de diferentes órgãos, como se no organismo houvesse entrado um poderoso veneno, são ainda um mysterio. O emprego do microscopio vae-nos, com tudo, dando esperança de chegarmos um dia ao descobrimento d'essas causas. Observadores de grande sagacidade tem chegado a reconhecer, pelo uso do microscopio, que á presença de animalculos, em geral pertencendo a um dos grupos mais singelamente organizados, pôde ser devida a febre typhoide, a pustula maligna, e as mais graves affecções carbunculosas. Ultimamente, em Inglaterra, o sr. Tigri encontrou os *Bacterios* no sangue de um homem, que havia succumbido a uma febre typhoide. O sr. Davaine observou, que a inoculação de alguns *Bacterios* n'um animal superior bastava para produzir, rapidamente, todos os symptomas morbidos das doenças carbunculosas, e causar a morte em quarenta horas. Na escara de uma pustula maligna achou o mesmo observador uma quantidade immensa de *Bacterios*. É hoje reconhecido, que algumas enfermidades graves do homem e dos animaes domesticos são causadas pela presença, em diversos órgãos, de parasitas animaes, principalmente da classe dos *Entozoarios* ; os vermes, que invadem diferentes cavidades e os tecidos de diversos órgãos dos animaes, tambem penetram nos vasos destinados á circulação do sangue, produzindo n'este liquido, essencial á vida, alterações profundas.

O microscopio é um dos instrumentos que mais rapidamente se tem aperfeiçoado n'estes ultimos annos ; o seu uso tem-se vulgarizado ; um mundo novo, e cheio de mysterios, nos é por elle revelado ; muitos dos problemas mais interessantes e complicados da physiolo-

*

gia e da medicina talvez achem ainda uma solução satisfatória, pelo emprego do microscópio; bastam estes motivos para que os estudos de microscopia excitam interesse nas pessoas, que não são indiferentes aos progressos da sciencia. Na breve exposição, que fizemos n'esta e na *Chronica* anterior, buscamos attrair a curiosidade do leitor para as maravilhas d'esse pequeno mundo, cuja existencia mal se poderia suspeitar sem o emprego do microscópio: se conseguimos este resultado, se chegamos a fazer apreciar a importancia de muitos dos descobrimentos que o microscópio tem feito já, alcançamos o nosso fim.

J. D'ANDRADE CORVO.

CHRONICA DO MEZ



omaram-se banhos.

Essa simples linha podia por si só preencher a chronica, se os jornaes pagassem os conceitos em vez de pagarem as palavras. Todavia, como as palavras é que elles pagam, vamos a amplificar aquella indicação resumida dos ultimos acontecimentos.

Bem sei que se queixam das *barcas*: é caricato, é massador, é insipido, é mau tom, é tudo que lhes lembrar ir banhar-se uma pessoa a um poço, a uma cisterna, a um charco, *et cetera*. E depois, que perda de tempo! Ali se vão as manhãs á espera de vez, e os mirones com a vaga luneta incerta a olharem esta e aquella, e o moço a gritar pelo alfabeto «Quem tem t?» e uma pessoa obrigada a namorar para se entreter, e o marido em casa sem almoçar, e uma anecdota que se escuta d'este lado, e um caso que estão contando ali, e um sugeito que diz uma amabilidade acolá, e as horas a correrem mais que a onda, e o individuo, que costuma ir para o Caes do Sodré, que diz com olhar de intenção: — «Hoje espero pelo bote do Terreiro do Paço!» e o banho tomado á pressa, e os ditinhos convencionaes de «Achou hoje a agua muito fria?» e o sorriso, e o cumprimento, e a cartinha, e a palavra ao ouvido, e o marido que não tomou banho e que é quem fica mais molhado!...

Ah! Não me digam mal das *barcas*; ou antes, vamos a dizer mal d'ellas e a ir lá sempre: que é a regra! Temos por onde escolher até ao S. Martinho, que é o Santo tão protector do vinho como inimigo da agua, que abre as pipas e fecha as *barcas*. A *Deusa dos mares* é a *barca dos janotas e do madamismo*, como diz o burguez; os quartos são maiores, a sala é mais espaçosa e elegante, as criadas

mais bonitas, do que nas outras barcas, e para arranjar pretexto de estar preso um dia inteiro não ha coisa mais verosimil do que ir tomar um banho ali; a concorrência é immensa e o sugeito finge-se exasperado de não o aviarem, dando parabens á fortuna de se achar com tal delonga em tão fausta companhia!

A *Flór do Tejo* é a barca das senhoras verdadeiramente elegantes, e, acaso ou destino, a das formosas. Os remadores dos botes d'esta barca dão quasi sempre em poetas ou em suicidas. Como os gondoleiros venezianos, esquecem-se ás vezes do rio para pensarem no céu, tão celestiaes lhes parecem as damas que conduzem nos seus barcos. Ha dias em que affirmam haverem conduzido Venus de chaile e chapéu, e terem estremecido de jubilo voluptuoso ao darem-lhes a mão para o desembarque. Alta noite, ao recordarem as sensações do dia, deixam-se levar dain spiração e cantam hymnos commemorativos ao Tejo e ás flôres, em que alludem apaixonadamente ás banhistas da *Flór do Tejo*! Tão depressa as madrugadas principiam a ser mais frias e o sol a nascer mais tarde, começa a tristeza a apoderar-se d'elles. As visões vão desaparecendo nos nevoeiros do outono, e terão de esperar um anno para as avistarem de novo. Uma allucinação momentanea do ouvido, igual á dos maniacos, faz renascer para esses barqueiros infelizes as revelações tradicionaes da ilha de Ceylão e as harmonias aereas do Sinai. Ouvem a voz d'esta e d'aquella banhista passar nas aguas e saudal-os. Quanto mais calada vae a noite, melhor elles ouvem as mysteriosas vozes. Não se atrevem a fallar a ninguem de sereias e genios aquaticos, mas, no intimo da sua consciencia, estão convencidos de que os ha. Quando a barca se vae do rio, parece que os olhos dos pobres barqueiros se despedem com ella; depois ainda por ali se avistam a pescar camarões, ou como remadores subalternos em botes da Ribeira; pouco tempo dura isso; pelos ultimos dias de dezembro costuma succeder que os visitantes do hospital de Rilhafoles encontrem lá algum pobre diabo agachado ao canto de um corredor a fallar sósinho e a dizer com emphase: — «Vamos embora, lá vem a minha patrôa! Larga! Dé-me a sua mão para não cair ao mar!» ou no pateo, sentado no chão, a apanhar um raio de sol, sorrindo a quem olha para elle, e traçando com um pausinho figuras na terra: — é um ex-barqueiro da *Flór do Tejo*!

Não considerem exagerado nada d'isto. O mar enlouquece a gente por mil maneiras. Recordem-se das historias que ouviram narrar desde a infancia. O mar tem segredos. Póde zombar-se de tudo menos d'elle, nem dos genios que habitam na agua. Pensem nos ondinos e nas naiades! Ahi está que no papão todos nós cremos. Credo! O papão do mar! Que de coisas nos contaram d'elle em crian-

cas! As tradições e as cantigas das amas dizem que é um velhinho magro e esqualido, de barba comprida, e com a cabeça cheia de limos em vez de cabellos. Tem um chapéu verde, e, quando abre a bocca, vê-se-lhe uma fileira de dentes esverdeados. Em Peniche, dizem que é ruivo, com um barrete vermelho, e dentes de ferro. Ainda ha velhas por aquelles sitios que affiançam que n'outro tempo o papão do mar ia ás villas por occasião de feira, e apparecia ás vezes em differentes povos a fazer compras. No logar de Giraldes conta-se que um d'esses papões ia lá d'antes todos os dias comprar carne no talho, mas que nunca pagava senão com moedas de dez réis furadas; um dia o cortador, que já estava farto d'esses trocos suspeitos, aproveitou o apice d'elle estender a mão e cortou-lhe um dedo com a machadinha: desde então nunca mais voltou. É voz geral em toda a costa que os papões do mar vêem ás vezes á terra para namorar as moças, e enganarem-as com palavra de casamento; o signal mais certo para os conhecer é terem a mão molle e fria como gêlo. As amas contam-nos em pequeninos que ha no fundo do mar palacios encantados onde vivem os principes e as princezas das ondas, casinhas de vidro com telhado de escamas; n'aquelle reino debaixo de agua, os noivos guardam as noivas, e as noivas guardam-os a elles sem nunca se poderem tirar uns de ao pé dos outros. Os famulos veem uma ou outra vez á terra, mas dão poucas fallas e mostram-se taciturnos, como se terrivel ameaça lhes fechasse a bocca e se sentissem vigiados pela policia do baixo-mar. Tambem se refere que já não é uma nem duas vezes que alta noite vêem chamar á pressa uma parteira e a introduzem no fundo do mar; e o mais é que se affirma, que todas a quem tal tem succedido voltam depois para a terra a dizerem que viram casas de coral alumiadas do tecto por perolas grandes, que o leito era de ambar, e que o papão lhes offereceu uma rica bandeja cheia de peças de oiro, na idéa de as degolar em seguida se houvessem tirado mais do que uma! Na Serra d'El-rei houve uma rapariga, que esteve a servir tres annos no fundo do mar. Estava contente com a casa, mas não lhe consentiam que deitasse sal na comida: foi o que a desgostou a ponto de se despedir. Dizia a moça depois á familia: — «Quando eu sahi da agua, não tinha mais que sete annos para viver; já se passaram quatro, faltam-me só tres!» Andava sempre triste, e ficava ás vezes uma tarde inteira acocorada, escondendo a fronte com as mãos e a dar suspiros...

O mar antigamente servia para viajar e para a poesia d'estes contos: desde o principio d'este seculo, principiou a ser applicado como particularissimo especifico, e ha mais de vinte annos que se acha promovido a ir toda a gente banhar-se n'elle como regimen geral.

As barcas, honra lhes seja, concorreram immenso para popularisar este genero de tratamento, adoptado hoje universalmente, e se a famosa barca dos *Tonneis* já desapareceu do Tejo *de crystal*, lá se acham em compensação, além das já citadas, a *Diligencia*, barca da gente pacata, a *Flór de Lisboa* e a Nova *Flór de Lisboa*, barcas de toda a gente.

A mania elegante n'estes ultimos tres annos correu para as praias; quiz-se viver em communismo, ser visto a toda a hora, não se banhar ninguem fechado á chave e mettido n'uma cella, mergulhar em sociedade na grande tina do mar, emblema da igualdade por excellencia! Já não ha outra coisa senão Ericeira e Cascaes; este anno reviveu Pedroiços. Para muita gente ir estar um mez em Cascaes corresponde á peregrinação da Mécca para os musulmanos. É uma viagem. Ha sugeito que ficou encantado da Ericeira, por ter visto o mar e haver contemplado á sua vontade o elementô perfido; cavaqueava com os maritimos ácerca de suas viagens a *longes terras*, e na volta trazia á esposa uma collecção de conchinhas. A promiscuidade é o principal condão das praias, mas a moda não deixa ir ali os seus direitos.... por agua abaixo; as senhoras, que vão degotadas aos bailes, na praia andam de camisolas até ao pomo de Adão e calças pelo pé adiante; o regulamento supprimiu o collo e a barriga de perna, e, a pretexto de trajo de banho, ficam muito mais vestidas do que nos bailes do Club!

Os antigos representavam Venus saindo das ondas, mas não se lembraram nunca de a enfeitarem de roupeta e coifa! Por isso, comprehende-se bem que n'algumas praias separem o banho dos homens do banho das senhoras; não é escrupulo de modestia; nos banhos do mar o pudor não é virtude; é a justiça que a si proprias fazem; é o sentimento de inferioridade que as senhoras comprehendem melhor que ninguem, e que as leva a esconderem aos profanos o que não merece ser visto. Sempre quero que me digam se viram alguma vez na Ericeira o pé da ex.^{ma} sr.^a * que todavia possui dois dos mais respeitaveis!

Os passeios, as excursões, os *pique-niques* são um dos principaes segredos do encanto da vida das praias, e se lhes tirassem isso, ninguem voltava lá a banhar-se. O pequenos vapores do sr. Burnay tiveram entre outras vantagens a de acordarem na burguezia o desejo de ir viajar... até Cascaes. N'um bello sabbado á noite, o amante tendeiro havendo dado balanço á caixa, observára de sorriso nos labios que as velas de cebo tem ainda mais rapida extracção do que as *Tempestades sonoras*. A esposa, debruçada em seu hombro, acariciava com as madeixas de seus cabellos preciosos ou não preciosos a face nedia de seu marido. Mafalda, sua tenra filha, pelava

pera cosida para a metter em calda, e Felisberto, joven estudantinho da mais baixa esperanza, unico herdeiro d'aquella casa, por não dizer d'aquella tenda, fazia a côrte, assentado a um canto, a uma caixa de figos passados.

— Minha gente, exclamava o chefe de tal tribu, acho-me satisfeitissimo! O azeite foi-se como canella; o presunto desapareceu por entre os dedos; os queijos, já lá vão todos; os chouriços, nem que andassem pelo seu pé; ganhei oito moedas esta semana: por isso, reservo-lhes uma surpresa para amanhã.

A esposa ia caíndo para o lado; Mafalda deixou rebolar uma pedra; e Felisberto engolio de uma vez duas das suas victimas.

— O que é? O que é? rompia a familia em côro.

— Levo-os a Cascaes!

No dia seguinte, a criadagem da casa teve dia de folia, e quando algum famulo mais curioso pedia informações ao caixeiro ácerca da ausencia do patrão, respondia esse mancebo com entoação importantissima;

— O patrão foi para as praias!

— Mais a familia?

— Exacto.

— E por muito tempo?

— Ha de voltar esta noite muito tarde.

— Onde é então que elle está?

— Em Cascaes!

Pedioços, este anno, parece todavia haver sido a praia que cantou victoria. A moda ali estabeleceu quarteis, e os janotas correram ao regaço da deusa. Foi um verdadeiro acampamento. Passei uma tarde pela chamada rua da Torre, e aquella azinhaga escura e triste estava com os ares de um paraíso; bellezas nos primeiros andares, nos segundos, nas aguas-furtadas, nas lojas, e á porta da rua; um viveiro! Os janotas escreviam para Lisboa cartas eloquentes que o omnibus trazia: «Ex.^{mo} sr. **, no Marrare: — Querido amigo, porque não appareces nas praias este anno? Encontrarias aqui mais de cincoenta amigos que suspiram por ti. A propria onda perfida parece murmurar teu nome ao fustigar a praia; aqui se cavaqueia, aqui se pesca, aqui se tomam banhos, e d'aqui se casa a gente. Dá um abraço ao Mattos, e, se te resolveres a apparecer por cá, traz-me um exemplar do *Cozinheiro completo*, porque a minha criada não está certa de como é que se fazem ovos quentes. Recommendações á rapaziada, e vejam se mandam para cá o Velle. Não imaginas quanto me tenho divertido aqui; ando em permanente folia; já tenho quatro banhos, e sete namoros: tudo me corre que é uma delicia; escreve ou deixa-te ver. Teu, etc. *.

Pôde dizer-se que a sociedade das praias se compõe principalmente de elegantes, pessoas nervosas que não têm que fazer, gente que se dá ares de viagem em ir para Paço d'Arcos, e, lá de tempos a tempos, um ou outro doentesito para fazer crer a Deus que o seu divino poder teve em vista com o mar attender á saude dos humanos!

Com os primeiros sopros do outomno chegaram porém as madrugadas humidas, as nuvens de folhas seccas sacudidas das arvores, e as ondas mais frias e encapeladas. Com um tempo assim até a moda esfria e com ella o amor... É provavelmente o que succedeu, porque, pouco a pouco vêem já regressando a Lisboa as prestigiosas fugitivas que haviam abandonado a capital a titulo de regimen de praias. Chegou a época de se despirem...—abriu S. Carlos!

A presente época inaugurou-se pelo *Rigoletto*, de Verdi. Dispensso-os de considerações sobre a escola do popular maestro, e não guizarei mais uma vez os inconvenientes da musica ruidosa. O leitor já sabe tudo isso á legua. Verdi é um revolucionario, os cantores são as suas victimas, o publico é a victima dos cantores, etc. etc. Apesar d'isso e do mais, Verdi é o maestro do nosso tempo, e a empresa que passar sem elle pôde passar bem de saude mas passa mal *de platéa*. O *Rigoletto*, e mais não é das operas predilectas da sociedade de Lisboa, foi ouvido ainda este anno com agrado, o que se deve em parte á execução por parte do baritono Squarcia e da dama Volpini. Squarcia possui uma voz vigorosa, que sabe amoldar á expressão do canto, sem fazer valer os seus recursos á força de os exagerar, como tantos, e de boa nomeada, que aqui temos escutado em S. Carlos. Actor intelligente e cantor mui expressivo, Squarcia tem um dos principaes quinhões no exito das tres melhores operas d'esta estação, *Rigoletto*, *Favorita*, e *Sapho*. — A dama Volpini é sympathica, graciosa, fresquissima de voz tanto como de idade. N'uma breve carreira tem feito já alguns theatros importantes; o de S. Carlos marca-lhe mais um triumpho. Ha um tenor no *Rigoletto*, e não pôde deixar de haver; por isso a empresa, não tendo senão um Mongini, incumbiu essa parte ao sr. Tombesi; Tombesi não canta como um anjo, mas está longe de cantar como um demónio; uma parte do publico, ridiculamente exigente, castiga-o por não ser um tenor prodigioso; elle proprio se resignára a não ser uma maravilha quando se escripturára em segundo lugar: do que se incumbiu, sae-se com bom desempenho; com uma escriptura de segundo tenor, não era para exigir que nos viesse fazer presente de uma voz de primeiro; é um artista joven e sympathico, com bom methodo de canto, algumas notas um pouco veladas e outras extensas e vibrantes; junta a isto não ser doente. É hem mau!

N'outro tempo havia cantores, *si vera est fama*, baratos e excel-

lentes: hoje não é assim; não porque as boas vozes fossem mais vulgares, mas por não serem tão geralmente procuradas, — o que conservava em preço moderado o seu valor commercial. O gosto pela musica ha pouco tempo que invadiu toda a gente: na idade de nossos avós era exclusivo prazer da aristocracia, e nas primeiras epochas de opera em Lisboa não ia ao theatro lyrico todo o *bicho-careta*. Ainda me lembro de ouvir dizer a muitos que não lhes aprazia S. Carlos porque não *entendiam a peça*. Lá por fóra, com pouca differença, tem-se dado o mesmo; a moda, pouco a pouco, é que tem exigido cantores custem o que custarem, e d'esta exigencia resulta que hoje se trabalhe muito menos na arte do canto. Dez annos eram precisos outr'ora para formar um artista capaz de cantar em theatro as primeiras partes; agora, em se tendo voz, bastam mezes para exercer taes funcções. Cantam sem methodo, é certo, declamam mal e representam peor, mas de vez em quando saccam de uma notta como quem dá um tiro, e o publico põe-se a gritar de jubilo, pasmado de haver quem grite mais do que elle! Aqui tivemos ha dois annos um tal Stefano, que trovejou no *Trovador* com alegria e applauso das platéas; era um pessimo cantor, mas dispunha do *vozeirão*, que, atordoando-o, maravilha o timpano do respeitavel publico, e tinha sempre chamadas especiaes no final do terceiro acto, por ir salvar sua mãe com mais gritaria que todos os filhos e trovadores juntos:

A *Favorita*, incumbida a madame Borghi-Mamo, Mongini, e Squarcia, estava destinada a um grande exito, e alcançou-o merecidamente. A sociedade de Lisboa não ouvia cantar assim ha muitos annos: foi verdadeiramente o drama lyrico em toda a elevação das suas exigencias; a Borghi é não só uma cantora mas uma tragica, e o talento de Mongini que Lisboa tanto aprecia, secundou-a admiravelmente; a opera rejuvenesceu pela execução primorosa d'estes dois artistas, e se a doença de Mongini não a houvesse surprehendido á segunda representação, haver-se-hia cantado em successivas recitas com enthusiasmo unanime. A *Sapho* de Paccini acudiu aos embarços da empreza, graças á sublime interpretação da Borghi, que não só como cantora mas como actriz parece fadada para essa parte; alta, de physionomia ardente, olhar profundo, ondas de cabellos negros, voz forte e grave, voz bronseada como o rosto. Nunca esta opera produziu em Lisboa tão clamoroso enthusiasmo; o lindo e juvenil talento da Sannazarro deixára impressões profundas entre nós; a Borghi triumphou d'ella; no segundo acto principalmente pareceu-me prodigiosa de paixão, de força, de genio; esse é tambem, a meu ver, o melhor acto d'essa *partitura* immortal; no quarto acto mesmo pela Sannazarro a angustia nem eram ais profunda nem mais com-

municativa, por ver despedir da vida e do amor aquella criança apaixonada e sublime, que atirava para longe a lyra, e, ferida da poesia e do affecto, ia refugiar-se na morte; a Borghi é mais a Sapho, o ideal que as imaginações compõem, e ninguém ha que se conforme com o vel-a abandonar o amor e a poesia, apesar mesmo da lyra, dos trinta em deante, escapar por si mesma dos dedos das mulheres! Ó talento! que mocidade eterna tu és!...

JULIO CESAR MACHADO.